



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

DOUGLAS SILVA FERNANDES

ENTRE O SER E O NARRAR: UM ESTUDO DO SUJEITO EM *A HORA DA ESTRELA*, DE CLARICE LISPECTOR

DOURADOS

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

DOUGLAS SILVA FERNANDES

ENTRE O SER E O NARRAR: UM ESTUDO DO SUJEITO EM *A HORA DA ESTRELA*, DE CLARICE LISPECTOR

Texto apresentado para o Exame de Defesa de Dissertação ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Letras, da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Literatura e Práticas Culturais

Linha de pesquisa: Literatura, Cultura e Fronteiras do Saber

Orientador: Prof. Dr. Renato Nésio Suttana

DOURADOS

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

F363e Fernandes, Douglas Silva
ENTRE O SER E O NARRAR: UM ESTUDO DO SUJEITO EM A HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR [recurso eletrônico] / Douglas Silva Fernandes. -- 2025.
Arquivo em formato pdf.
Orientador: Renato Nésio Suttana.
Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2025.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>
1. Clarice Lispector.. 2. Filosofia.. 3. Literatura.. 4. Sujeito.. 5. Subjetividade.. I. Suttana, Renato
Nésio. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Renato Nésio Suttana (UFGD) — Presidente/Orientador

Profa. Dra. Alexandra Santos Pinheiro (UFGD) — Membro Titular

Prof. Dr. Neurivaldo Júnior Campos Pedroso (UEMS) — Membro Titular

Profa. Dra. Célia Regina Delácio Fernandes — (UFGD) — Membro Suplente

Profa. Dra. Marcia Maria de Medeiros (UEMS) — Membro Suplente

Dourados — MS, 24 de julho de 2025

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que contribuíram para a realização desta dissertação. Em primeiro lugar, agradeço ao meu orientador, Professor Dr. Renato Nésio Suttana, cuja orientação, paciência e conhecimento foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Sua paixão pela literatura e suas valiosas sugestões me inspiraram a explorar novas perspectivas.

Agradeço também aos meus colegas e amigos, que me apoiaram durante todo o processo, oferecendo valiosas contribuições e encorajamento. A troca de ideias e discussões nas aulas enriquecedoras com vocês foram essenciais para a construção desta dissertação.

Um agradecimento especial à minha família, que sempre acreditou em mim e me proporcionou um ambiente de amor e apoio. Sem vocês, eu não teria conseguido superar os desafios dessa jornada.

Por fim, agradeço a todos os autores e obras que me inspiraram e que, de alguma forma, contribuíram para a formação deste trabalho, em especial à Clarice Lispector, que me acompanha desde os meus treze anos. A literatura é uma fonte inesgotável de conhecimento e emoção, e sou grato por poder fazer parte desse universo.

RESUMO

A presente dissertação propõe uma análise filosófico-literária da obra *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector, com foco na questão do sujeito na narrativa. Passadas mais de quatro décadas da morte da autora, sua produção continua sendo objeto de múltiplas abordagens críticas, incluindo vertentes do modernismo, do fluxo de consciência, da crítica feminista e da crítica cultural. Neste trabalho, a interseção entre literatura e filosofia é o eixo condutor da investigação. Toma-se como ponto de partida a figura de Macabéa, personagem central do romance, cuja subjetividade marginalizada evidencia tensões entre representação, identidade e alteridade. A análise parte do conceito de epifania, conforme discutido por Benedito Nunes (1973), para explorar os momentos de clarividência na obra, bem como o papel do narrador Rodrigo S. M., que, ao tentar dar voz à protagonista, alfora também os dilemas éticos da representação do Outro. O trabalho se estrutura em três capítulos: o primeiro apresenta um mapeamento da fortuna crítica clariceana; o segundo examina as relações entre literatura e filosofia na obra da autora; e o terceiro discute a construção do sujeito narrador e da subjetividade da personagem à luz de autores como Sartre, Beauvoir, Foucault, Deleuze, Guattari e Lévinas. A leitura da protagonista como sujeito descentrado, silenciado e invisível aproxima-se de abordagens existencialistas e pós-estruturalistas, revelando como sua subjetividade é moldada por discursos de exclusão. A dissertação também incorpora a estética da recepção, a partir de Hans Robert Jauss (1994), para refletir sobre a experiência do leitor diante da escrita provocadora de Clarice Lispector. Em última instância, o estudo revela como *A hora da estrela* desafia os modelos tradicionais de subjetividade e convoca uma reflexão crítica sobre a política do reconhecimento e a ética da representação no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Filosofia. Literatura. Sujeito. Subjetividade. Alteridade.

ABSTRACT

This master's dissertation presents a philosophical-literary analysis of *The Hour of the Star* (1977), by Clarice Lispector, focusing on the question of subjectivity within the narrative. More than four decades after the author's death, her work continues to inspire multiple critical approaches, ranging from modernist interpretations and stream of consciousness techniques to feminist, biographical, and cultural criticism. The central objective of this study is to explore the intersection between literature and philosophy through the figure of Macabéa, the protagonist, whose marginalized subjectivity exposes tensions involving representation, identity, and alterity. The concept of epiphany, as discussed by Benedito Nunes (1973), guides the interpretation of moments of clarity within the narrative and highlights the role of the narrator Rodrigo S. M., whose attempt to give voice to the protagonist raises ethical questions about the representation of the Other. The dissertation is structured in three chapters: the first maps the critical reception of Lispector's work; the second examines the philosophical foundations that underlie her literature; and the third investigates the narrator's role and the fragmented subjectivity of the characters, through theoretical perspectives from Sartre, Beauvoir, Foucault, Deleuze, Guattari, and Lévinas. Macabéa is interpreted as a decentralized, silenced, and invisible subject, shaped by exclusionary discourses and far from the Cartesian model of a rational and autonomous individual. The study also engages with Hans Robert Jauss's (1994) aesthetics of reception, analyzing how Lispector's provocative writing impacts the reader and invites reflection. Ultimately, this research demonstrates how *The Hour of the Star* challenges traditional conceptions of subjectivity and urges a rethinking of recognition politics and the ethics of representation in contemporary society.

Keywords: Clarice Lispector. Philosophy. Literature. Subject. Subjectivity. Otherness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9

CAPÍTULO 1: O DESDOBRAMENTO DA OBRA DE CLARICE LISPECTOR PARA O LEITOR 16

- 1.1 Este livro é um silêncio. Este livro é uma pergunta”: A recepção crítica de Clarice Lispector 17
- 1.2 “Teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas”: a interpretação feminina na obra de Clarice 21
- 1.3 “Estou escrevendo na hora mesma em que sou lido”: as relações entre narrador, leitor e personagem em *A hora da estrela* 22
- 1.4 “Juro que este livro é feito sem palavras. É uma fotografia muda”: a pluralidade interpretativa de *A hora da estrela* 25

CAPÍTULO 2: LITERATURA E FILOSOFIA EM *A HORA DA ESTRELA* 29

- 2.1 “Para que escrevo? E eu sei? Sei não”: as relações entre literatura e filosofia ao longo da história 30
- 2.2 “Nunca pensara em “eu sou eu””: literatura, filosofia e a construção do sujeito literário 32
- 2.3 “Pensar é um ato. Sentir é um fato”: A filosofia de *A hora da estrela* 34
- 2.4 “Macabéa me matou”: Rodrigo S. M. e a subjetividade e desafios de um escritor-narrador 43
- 2.5 “Uma coisa delicada”: a identidade em *A hora da estrela* 45
- 2.6 “Ser uma mulher não parecia pertencer à sua vocação”: a subjetividade feminina em *A hora da estrela* 49
- 2.7 “Mulher nasce mulher desde o primeiro vagido”: a experiência feminina pelos olhos de Macabéa 54

CAPÍTULO 3: A SUBJETIVIDADE EM *A HORA DA ESTRELA* 57

- 3.1 “E se for triste a minha narrativa? Depois na certa escreverei algo alegre”: *A hora da estrela* e os sujeitos-narradores 58
- 3.2 “Tristeza também era coisa de rico”: a marginalização do sujeito em *A hora da estrela* 59
- 3.3 “Vejo que escrevo aquém e além de mim”: o papel do narrador na construção do sujeito em *A hora da estrela* 66

CONSIDERAÇÕES FINAIS 69

REFERÊNCIAS 72

INTRODUÇÃO

Conheci a obra de Clarice Lispector aos 13 anos de idade. Desde então, sua escrita passou a habitar um lugar muito íntimo em minha formação como leitor e pesquisador. Curiosamente — ou talvez, inevitavelmente — esse número retornaria outras vezes em minha trajetória: são treze os possíveis títulos que compõem o conjunto da ficção clariceana e treze os tiros que atingiram Mineirinho, figura emblemática em um de seus contos mais pungentes. Esses ecos numéricos tornaram-se, para mim, símbolos de um vínculo que se aprofundaria com o tempo — um encontro que foi, desde o início, literário, afetivo e existencial.

Durante a graduação em Letras, tive a oportunidade de transformar esse interesse inicial em objeto de estudo acadêmico, por meio de uma pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC) orientada pelo Professor Dr. Neurivaldo Campos Pedrosa Júnior. O projeto, ancorado na interlocução entre literatura e psicanálise, foi um marco no meu desenvolvimento intelectual e resultou na produção do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Nessa etapa, pude perceber como os atravessamentos entre a escrita de Clarice e os conceitos psicanalíticos revelam camadas ainda mais complexas de sua obra — que desafia categorias rígidas e convida à escuta do indizível.

Sou, desde então, apaixonado pela obra de Clarice Lispector. Essa paixão não nasceu apenas da admiração por sua linguagem única ou pela profundidade de seus personagens, mas do modo como sua literatura convoca a experiência do abismo, do estranhamento, daquilo que escapa à nomeação. Ingressar no mestrado com Clarice como objeto de pesquisa foi, portanto, não apenas uma escolha acadêmica, mas a continuidade de um caminho traçado desde muito cedo — um retorno sempre renovado ao mistério que sua escrita encarna.

Estudar Clarice Lispector no mestrado tem sido uma experiência intelectual e afetiva profunda. Ao longo desse percurso, tive a chance de revisitar textos que me marcaram na adolescência, examinados agora com ferramentas críticas mais refinadas, e de descobrir novas facetas de uma obra que não cessa de se reinventar. Esta dissertação é, assim, a materialização de uma jornada que começou aos treze anos e que, como a própria escrita de Clarice, se mostra sempre em processo — em busca.

Passados mais de quarenta anos da morte de Clarice Lispector, muita tinta ainda corre no papel sobre a produção literária da autora. Os estudos da obra clariceana abarcam uma multiplicidade de perspectivas da teoria crítica, desde as mais tradicionais, que contemplam análises feitas a partir de características próprias ao modernismo literário brasileiro, até as com

ênfase no monólogo interior e no fluxo da consciência, passando pela crítica feminista e, mais recentemente, pelas abordagens centradas na crítica biográfica e cultural.

Dentre as inúmeras possibilidades de análise da obra de Clarice Lispector, esta dissertação de mestrado abraça como objetivo principal o intuito de centrar-se no estudo da relação que existe entre Literatura e Filosofia, tomando como ponto de partida o estudo da obra *A hora da estrela* (1977). A pesquisa procura investigar e revelar a construção do sujeito que encena essa narrativa. Para isso, serão observados ainda os recursos utilizados pela autora, que se revelam, não apenas à luz da teoria literária, mas também a partir da biografia de Clarice, uma vez que traços da autoria permeiam sua narrativa.

O termo epifania, consagrado pela crítica, com relação ao texto clariceano, busca nomear os momentos de ruptura da percepção do trivial, do comum, na obra de Clarice. Surge como fruto de análises em que a percepção do crítico encontra autora, narrador e personagem amalgamados e comungando de uma mesma matéria: a vida humana, que -- se pode dizer -- é sempre inominável e fugidia ao domínio da palavra, segundo uma concepção que podemos atribuir à autora. De acordo com Benedito Nunes (1973), no livro *Leitura de Clarice Lispector*, o movimento é caracterizado como “transe”, isto é, um momento de clarividência diante daquilo que se vê.

No âmbito da literatura comparada, a interpretação da obra de Lispector nos leva a sair por um momento do âmbito estrito da crítica e da teoria literária tradicionais, para buscar apoio em outras ciências humanas, tais como a filosofia, a sociologia, a psicologia e a psicanálise. Esse aspecto revela que uma pluralidade de temas se manifesta na obra, alguns recorrentes, como aqueles relacionados à percepção do sujeito e a sua consciência de estar no mundo (tão caro, por exemplo, ao pensamento existencialista). Nesta dissertação, o enfoque recairá sobre uma dessas modalidades de sujeito, chamado por alguns de marginalizado, que, em minha análise, se mostra muitas vezes perdido, numa dinâmica de desenvolvimento que o põe de frente para a morte. Porém a morte em *A hora da Estrela* surge como o prenúncio de um ressurgimento, é o *gran finale* de Macabéa, uma personagem situada à margem da sociedade, que ora não se reconhece por *não ser*, ora é a válvula propulsora para o narrador Rodrigo S. M. pôr em movimento a sua narrativa.

Neste trabalho, dividido em três capítulos, busco focar alguns elementos que me parecem relevantes para compreender *A hora da estrela*, buscando apoio na filosofia e na fortuna crítica de Clarice Lispector (que já é bastante extensa). a fim de obter um panorama das formulações críticas fundamentais, dentre as quais se destaca, a meu ver, o estudo já mencionado de Benedito Nunes, que pioneiramente recorreu ao olhar filosófico para interpretar

o texto da autora. Assim, no primeiro capítulo, procuro mapear os pontos de vista desse crítico, bem como os de Antonio Candido (2006), Yudith Rosenbaum (2021) e outros que deixaram contribuições para a interpretação da obra analisada e de outras obras da escritora Clarice Lispector. Suas contribuições formam um extenso panorama que, entre outras coisas, revela a importância da obra da autora no contexto da narrativa brasileira e o poder que tem de suscitar e alimentar o pensamento questionador.

O segundo capítulo aborda, mais especificamente, as relações entre literatura e filosofia presentes na obra da autora. Um ponto de partida de que me sirvo é a suspeita de que sua personalidade autoral se mistura e é por assim dizer “revelada” na construção de seus personagens — uma personalidade que, no fundo, se mostra tão elusiva quanto a de qualquer protagonista de suas nativas, desde G. H., passando pelas personagens femininas de *Laços de família* ou *Legião estrangeira*, até chegar a Macabéa. Para esse empreendimento, buscamos, brevemente, compreender o modo como se construiu essa relação (da literatura com a filosofia) ao longo da história e o modo como Clarice faz uso dos conceitos provenientes da filosofia moderna, em especial, na construção da protagonista Macabéa, espelhada também em seu narrador Rodrigo S. M. e em personagens de outras narrativas.

Por fim, mais detidamente, serão retomados alguns conceitos propostos por Benedito Nunes (1973) quanto ao sujeito-narrador, presente no livro já mencionado. Essa presença do sujeito-narrador revela uma interpretação da experiência narrada e que interpreta a si mesmo, relação essa que será discutida a propósito da análise do papel do narrador Rodrigo S. M. e da sua possível relação com a escritora Clarice, e de qual forma a interpretação sugerida por esse movimento enquanto recurso linguístico colabora para trazer às claras o pensamento e a voz de um *sujeito* — tema central do presente estudo.

O enfoque ao romance clariceano abre-se para a investigação de temas comuns à filosofia, tais como a análise do sujeito e sua relação com o pensamento. Segundo Deleuze e Guattari (2011), entre as muitas formas de conceber a noção de pensamento, uma está em concebê-lo como um movimento ou um conjunto movimentos inesperados que descentralizam o sujeito. No caso da narrativa clariceana, pode-se dizer que esse movimento descentrador atinge autora, personagens e leitores, fazendo com que estejam em constante retirada da suas zonas de conforto e provocando assim um deslocamento.

A esse respeito, Pamela Zacharias (2019, p. 145) afirma que “[...] a escrita de Clarice permeia problemas que obrigam o pensamento a recomeçar o movimento juntamente das suas personagens, impossibilitadas de lidar de forma mecânica e clichê com os acontecimentos que as atravessam.” Aprofundando essa afirmação, pode-se dizer que tal enfoque se estenderá

também ao leitor e a todo o universo da recepção dessa escrita tão ampla e provocadora que é a de Clarice Lispector — que alguns consideram como uma grande escritora e outros como uma autora incompreensível. Já o leitor, enquanto outro sujeito que, por meio da identificação, se reconhece na narrativa da Clarice, se vê também deslocado, mas sobretudo interessado, o que explica a quantidade de estudos acerca da obra e a legião de admiradores que encontram o fascínio em seus textos. A análise da obra, sob a ótica da estética da recepção, revela como o texto interage com o leitor e como as diferentes formas de recepção moldam a experiência de leitura, correspondendo a um conceito de crítica que surge na Escola de Constança, particularmente com o trabalho de Hans Robert Jauss (1994), e que se baseia na ideia de que a obra literária não é um objeto fixo, mas algo que só adquire significado pleno quando é lida e interpretada por outrem.

Para Jauss (1994), a obra literária está em constante transformação, sendo que sua interpretação depende do horizonte de expectativas do leitor, isto é, daquilo que ele espera ou é capaz de perceber a partir de sua experiência de vida, contexto cultural e histórico. No conceito de Jauss, a obra literária não pode ser vista isoladamente do processo de recepção, pois tal processo envolve a interação dinâmica entre o autor, o texto e o leitor, conforme aponta ao dizer que

a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório no desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade (Jauss, 1994, p. 8).

No que tange a elaboração deste trabalho, com recurso a ferramentas retiradas do aparato filosófico, percebe-se que a obra *A hora da estrela* oferece um terreno fértil para uma análise filosófica do sujeito na contemporaneidade. A protagonista Macabéa, uma jovem nordestina migrante no Rio de Janeiro, é construída como uma figura que escapa aos moldes tradicionais do sujeito autônomo, ou seja, racional e coeso — como concebido, por exemplo, na filosofia moderna a partir de Descartes (1979) e Kant. Ao contrário, em vez do sujeito que se *sabe* e que *conhece* o mundo e funda o conhecimento na percepção de si como subjetividade (conforme expresso no *cogito* cartesiano), Macabéa personifica o sujeito descentrado, ou silenciado, ou invisível, que não se põe em posição central no ato de conhecer — características estas que aproximam a leitura clariceana de perspectivas pós-modernas e existencialistas sobre a subjetividade.

Por sua vez, na tradição cartesiana, o sujeito é concebido como fundamento do conhecimento e da verdade. O “Penso, logo existo” é mais do que uma afirmação ontológica: é a inauguração de uma subjetividade centrada na razão e na autonomia caras ao mundo moderno. Macabéa, por outro lado, representa uma ruptura radical com esse modelo. Ela não pensa em termos filosóficos, não possui consciência crítica de sua condição social, e tampouco tem agência sobre o próprio destino. Sua existência é marcada por uma *passividade* quase extrema. Isso não significa que ela seja uma “não pessoa”, mas sim que sua constituição subjetiva se dá à margem da lógica moderna do sujeito.

Ao se analisar Macabéa à luz do pensamento existencialista — especialmente de Jean-Paul Sartre (1987) e Simone de Beauvoir (1970) — percebe-se que ela encarna uma existência em si, isto é, uma vida sem projeto, sem transcendência. Sua rotina é repetitiva, desprovida de sentido transcendente, e sua relação com o mundo é mediada por uma linguagem que não lhe pertence. Ela é uma “coisa entre coisas”, como diria Sartre, e sua condição de mulher pobre, ignorada e descartável agrava ainda mais seu apagamento como sujeito. Tal apagamento figura a existência nula de Macabéa, como se ela apenas sobrevivesse em uma selva, sem condições de afirmar-se ou de afirmar o mundo como um conjunto de estruturas sólidas e autorreferentes.

Por seu turno, a figura do narrador, Rodrigo S. M., também é central para a reflexão sobre o sujeito na obra. Ele é o “intelectual esclarecido” que tenta dar voz a alguém que, na estrutura social e literária tradicional, não teria direito à narrativa. Mas esse gesto é ambíguo: ao mesmo tempo em que Rodrigo tenta construir Macabéa como *sujeito* de uma história, ele a silencia por meio de sua própria onipresença narrativa ou por incapacidade de nomear aquilo que em Macabéa surge como descontínuo ou insuficiente, impróprio portanto para sustentar uma narrativa onde a ação aparece como decorrência ou revelação de uma personalidade ou de um caráter cujos traços se pretende estudar. Essa tensão entre dar voz e usurpar a voz revela o dilema ético e filosófico da representação do Outro, o que Emmanuel Lévinas (1906-1995) firma como sendo o conceito de Alteridade, amplamente discutido na atualidade.

Rodrigo encarna uma crise da subjetividade autoral: ele duvida do próprio poder de narrar, oscila entre o desejo de controle e a consciência de sua impotência. O narrador é, portanto, também um sujeito fragmentado, marcado pela incerteza, pela angústia e pela metalinguagem. Sua presença ressalta que quaisquer tentativas de capturar o sujeito (e, especialmente, o sujeito Macabéa) são sempre provisórias e mediadas por discursos — ideia que ecoa as críticas pós-estruturalistas de pensadores como Foucault e Derrida propostas na década de 1960, em que se acredita que o sujeito não é único, mas sim constituído a partir de diferentes identidades.

A leitura foucaultiana do sujeito como efeito de práticas discursivas é especialmente produtiva no contexto de *A hora da estrela*. Numa perspectiva foucaultiana, Macabéa é moldada por discursos sociais, culturais e de gênero que, no entanto, em vez de lhe insuflarem aquela personalidade que se espera como reflexo do ser na sociedade burguesa, a posicionam como invisível, descartável e subalterna. Ela não possui uma identidade fixa, mas sim uma série de marcas que a constituem: mulher, pobre, nordestina, datilógrafa, órfã. Essas categorias não apenas descrevem, mas também determinam seu lugar na sociedade, sua subalternidade que, não obstante, escapa a todos os rótulos. Sua subjetividade é, portanto, uma construção precária, frágil e vulnerável às forças do poder, como é representado em seu ambiente de trabalho, pouco importando as condições de trabalho que a protagonista ocupa (no entanto, o fato de ela só ter dinheiro para um cachorro-quente incomoda tão somente quando suja as folhas datilografadas).

A marginalização de Macabéa mostra que o sujeito não é uma essência, mas um efeito de exclusões, silenciamentos e dispositivos sociais. Sua morte ao final do romance — repentina, aparentemente banal — não representa um fim trágico clássico, mas desponta como o ápice de uma vida vivida sem reconhecimento. Ao morrer, Macabéa paradoxalmente se torna visível: sua “hora da estrela” é, ironicamente, o momento de sua extinção como corpo social.

Macabéa não é uma heroína convencional como aqueles de narrativas tradicionais, nem tem características que a destaquem enquanto mulher. Não é símbolo de empoderamento ou resistência, na verdade seu próprio narrador a introduz apontando como não há nada de especial naquela personagem, e ainda assim ele não consegue tirá-la da cabeça. Suas ambições são pequenas, suas condições de existência menores. Nada destaca Macabéa, e ainda assim, — ou talvez exatamente por isso — sua história merece ser contada — ou, como afirma Rodrigo S. M., gritada

A hora da estrela evidencia, portanto, um deslocamento da noção de sujeito na literatura e na filosofia. Clarice Lispector, ao dar protagonismo a uma personagem como Macabéa, desafia os critérios tradicionais do que significa ser sujeito. Ela nos força a perguntar: quem tem direito à subjetividade? Quem pode ser narrado? Quem pode existir simbolicamente? A construção de Macabéa no romance é submissa aos outros, seja de seu narrador, de seu namorado, de seu chefe ou de suas colegas de trabalho, que parecem enxergá-la com um sentimento de inferioridade. Macabéa é definida muito mais pela forma como os outros a enxergam do que pelo que de fato é.

Este trabalho tem o objetivo principal de indicar reflexões acerca do sujeito proposto por Clarice Lispector, assim como levantar hipóteses de qual sujeito Clarice nos fala, como se constitui, qual a intenção de levar para a literatura o retrato social não somente dos anos 70,

como também a sua releitura na contemporaneidade. Nesse percurso, o aparato filosófico, sem dúvidas, guia os questionamentos, permitindo, entre outras coisas, denunciar as artimanhas de uma sociedade que manipula corpos e identidades em massa, ao mesmo tempo em que os transforma em consumidores ou espectadores da vida social.

Na intersecção entre literatura e filosofia, a obra em questão nos convida a reconhecer a multiplicidade de formas do ser e do existir, especialmente aquelas que foram historicamente apagadas. A subjetividade em Clarice Lispector é, acredito, ruína, mas também denúncia. Ao mostrar a fragilidade do sujeito moderno, a autora aponta para a necessidade de repensar a ética da representação e a política do reconhecimento.

CAPÍTULO 1

O DESDOBRAMENTO DA OBRA DE CLARICE LISPECTOR PARA O LEITOR

Não, não é que eu queira o sublime, nem as coisas que foram se tornando as palavras que me fazem dormir tranquila, mistura de perdão, de caridade vaga, nós que nos refugiamos no abstrato. O que eu quero é muito mais áspero e mais difícil: quero o terreno.

Clarice Lispector

1.1 “Este livro é um silêncio. Este livro é uma pergunta”: A recepção crítica de Clarice Lispector

A existência de ensaios e da fortuna crítica acerca da obra de Clarice Lispector apresenta um campo minado que deve ser enfrentado na ampliação de abordagens realizadas na obra da escritora. Causando impacto desde seu lançamento com *Perto do coração selvagem* (1943), Clarice mostrou desde cedo que sua escrita causaria impacto a longo prazo, tanto dentro quanto fora do Brasil, tornando-se uma das escritoras brasileiras mais populares globalmente.

A corrente crítica da obra da autora começou com Antonio Candido, renomado crítico brasileiro, que, em 1944, publica sua crítica do romance de estreia da autora, na qual a coloca como um dos nomes raros da literatura brasileira graças à sua originalidade (Candido, 1944). Isso ajudou a impulsionar a visibilidade da autora, com sua obra ganhando cada vez mais popularidade tanto entre o público quanto entre a crítica.

A narrativa de Clarice reverbera em vários campos das ciências sociais e principalmente na teoria e na crítica literária. Aqui, o enfoque do trabalho visa ampliar os estudos como extensão das abordagens, vale delimitar as de Benedito Nunes (1973), Antonio Candido (2000), e precisamente no livro organizado por Yudith Rosenbaum e Cleusa Rios P. Passos (2021) que conta com 24 ensaios críticos, entre outros grandes nomes que regem ao contexto da crítica.

Desde sua publicação em 1977, *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, tem se consolidado como uma das obras mais emblemáticas da literatura brasileira contemporânea. O romance é o último escrito por Clarice e carrega a densidade de uma escritora que, à beira da morte, mergulha na condição humana a partir da figura de uma mulher invisível socialmente. A obra gerou uma vasta fortuna crítica ao longo das décadas, sendo abordada por diferentes enfoques teóricos — da crítica feminista à psicanálise, da fenomenologia existencial à estética pós-moderna — revelando a riqueza interpretativa do texto e sua relevância para debates literários, filosóficos e sociais

A crítica reconhece em *A hora da estrela* um marco na narrativa clariceana, sobretudo pela escolha de uma protagonista que contrasta com o perfil introspectivo e intelectualizado das personagens anteriores da autora. Macabéa é uma jovem alagoana pobre, órfã, sem educação formal e marcada por uma vida de exclusão. Sua figura foi e tem sido objeto de análise por estudiosos como Benedito Nunes, que ressalta o gesto ético de Clarice ao dar voz a uma personagem marginalizada, elevando-a à condição de protagonista de uma obra literária. Nunes interpreta a obra como uma forma de denúncia e reflexão ética sobre a condição do ser humano no mundo contemporâneo.

Edgar César Nolasco (2003), em sua leitura filosófico-literária, propõe que *A hora da estrela* deve ser lida como um texto que produz uma ontologia da alteridade. Para ele, Clarice constrói um romance que obriga o leitor e o narrador a confrontar o outro, neste caso, Macabéa,

não como objeto de observação, mas como sujeito de uma existência trágica, desprovida de sentido e reconhecimento. O narrador Rodrigo S.M., ao mesmo tempo que tenta narrar a vida de Macabéa, luta contra o vazio existencial que a personagem suscita em sua tentativa de compreensão. Há aqui uma tensão entre ética e estética que tem sido amplamente discutida em estudos interdisciplinares.

Outro aspecto frequentemente explorado na fortuna crítica é a metaficcionalidade da obra. A presença de Rodrigo S.M., narrador-escritor, que interrompe constantemente a narrativa para refletir sobre o próprio ato de escrever, posiciona o romance em sintonia com a estética pós-moderna. Essa camada autorreflexiva tem sido examinada por críticos como José Miguel Wisnik (2019), que aponta para o caráter autoficcional e filosófico do narrador, em busca de um sentido impossível diante da banalidade da existência. A relação entre linguagem, silêncio e morte, temas caros a Clarice, é intensificada neste romance, especialmente pela oposição entre o esforço narrativo e o vazio existencial da personagem.

A obra também tem sido objeto de interesse no campo da análise discursiva e dos estudos culturais. O cenário urbano do Rio de Janeiro, a pobreza nordestina, o deslocamento geográfico e simbólico da personagem e o consumo de produtos da mídia (como revistas, rádio e astrologia) aparecem como elementos que aproximam a obra de um retrato crítico da modernidade tardia no Brasil. Nessa perspectiva, *A hora da estrela* é lida como uma crítica à sociedade de consumo e à superficialidade dos valores sociais, revelando as engrenagens de exclusão que perpetuam a invisibilidade de sujeitos como Macabéa.

A fortuna crítica também não deixou de explorar as dimensões poéticas do texto. A linguagem fragmentada, por vezes lírica e filosófica, reflete a busca de Clarice por uma forma que dê conta do indizível, do irretratável. Como observa Evando Nascimento (2012), a escrita clariceana não se contenta com a mimese da realidade, mas busca uma ontologia da linguagem, em que o ato de escrever se aproxima de uma experiência mística e radical. Em *A hora da estrela*, essa dimensão se expressa no embate entre a crueza da realidade de Macabéa e a tentativa do narrador de sublimá-la pela linguagem.

O trabalho de Nádya Battella Gotlib tem importância crucial nos estudos sobre Clarice Lispector, especialmente por meio de sua biografia “Clarice: uma vida que se conta”, publicada em 1995. Essa obra é considerada uma das mais completas e respeitadas biografias da escritora, fruto de uma extensa pesquisa documental, entrevistas e análise crítica da obra clariceana. Gotlib não apenas traça a trajetória de vida de Clarice desde sua origem ucraniana até sua consagração no cenário literário brasileiro, mas também entrelaça habilmente elementos da

biografia com os fios temáticos da ficção de Clarice, evidenciando como vida e obra se entrecruzam de maneira única.

A importância dessa biografia reside em seu cuidado ético e rigor acadêmico ao lidar com uma autora notoriamente reservada, respeitando os limites do pessoal sem reduzir a escritora a sua intimidade. Gotlib oferece ao leitor uma narrativa envolvente e informativa, ao mesmo tempo que promove uma chave de leitura interpretativa da literatura clariceana, iluminando aspectos existenciais, filosóficos e históricos que marcam sua escrita. Sobre *A hora da estrela*, Gotlib, relaciona o momento de criação da obra com o último ano de vida de Clarice.

Pois, esta história acontece mesmo em estado de emergência de calamidade pública para os três. Para o narrador da história, nessa necessidade sofrida de se defrontar com o sofrimento da personagem que a narra a história, deixe escrever o romance. Para Macabéa, personagem que ela cria, nordestina, pobre, meio perdida na cidade grande do Rio de Janeiro, que por um momento sonha com o impossível, vivendo num mundo em que tudo lhe é negado, em que tudo vira um não. E para Clarice, diante destes dois, escrevendo este romance nos meses que antecederam a sua morte, de que deixou fragmentos posteriormente reunidos por Olga Borelli. Por isso, penso que esta narrativa, agônica, torna-se privilegiada enquanto espaço de questionamento de linguagens entre sujeitos diante de si mesmos como objetos num confronto em cada um destes integrantes da história e também entre eles mesmos em estados de emergente calamitoso ato de invenção. Invenção do livro *A Hora da Estrela* por Clarice, do romance sobre a Macabéa por Rodrigo, o narrador, do amor por um moço estrangeiro loiro e lindo, pela feia, maltratada, suja, rejeitada e inexpressiva Macabéa.

(Gotlib, 1989, p. 199)

Clarice rompeu alguns moldes na literatura com seu uso inovador da linguagem. Sua prosa é marcada por uma narrativa própria, ritmos inesperados e construções sintáticas que muitas vezes refletem o que chamou o crítico inglês Robert Humphrey (1976) de fluxo de consciência. Seu estilo fragmentado e introspectivo é comparado ao modernismo europeu, especialmente aquele das obras de Virginia Woolf e James Joyce. Entretanto, como a crítica tem reconhecido, Clarice desenvolveu uma voz única, que não se enquadra rigidamente em nenhum movimento literário. Quanto a isso, falando da obra de Clarice Lispector, Lúcia Helena (2021) tece o seguinte comentário acerca do fluxo de consciência:

A técnica se manifesta, dentre outras maneiras que lhe servem de recurso, pelo “discurso indireto livre”, em que a fala do narrador é invadida pelo nível da pré-fala do personagem, que não tem mais seu discurso introduzido de forma direta ou indireta apenas, mas em uma forma mista, híbrida, também ela. Ou seja, o discurso indireto livre abona a frase de Mário de Andrade, quando — querendo indicar que o que escrevia afluía também de modo inconsciente,

como no fragmento extraído da Paulicéia desvairada — disse: “Falo sem pensar o que o meu inconsciente me grita” (Helena, 2021, p. 27).

Em outras palavras, no fluxo de consciência, o narrador busca transmitir, através do discurso indireto livre, a não linearidade e a confusão de seus pensamentos conforme eles surgem. O diferencial em relação ao discurso indireto livre (que não exige a presença de verbos atributivos de fala, como “dizer”, “perguntar”, “responder”, ao mesmo tempo em que irrompe na narrativa como uma espécie de fala indireta abrangida pelo discurso narrativo) é que os pensamentos e falas das personagens se misturam sem que sejam explicitados por outros meios que não a própria palavra onde um termina e onde outro começa. Isso é refletido na obra de Clarice em diversas circunstâncias, mas sempre como reflexo de certa consciência do indizível, isto é, daquilo que escapa à compreensão lógica e que só pode ser captado por meio de sensações, epifanias e irrupções do inesperado no plano da voz narrativa.

Isso reflete uma característica importante da obra da autora, que será abordada no capítulo seguinte: a importância da filosofia na construção de sua literatura. Jeanne Marie Gagnebin (2016) aborda como os limites da linguagem estão diretamente relacionados ao sentimento do “indizível”, elemento essencial à literatura de Clarice. Nas palavras da autora,

não conseguimos descrever a relação entre nossa linguagem e o “mundo” ou o “real”, porque, simplesmente, não podemos sair nem da linguagem nem do mundo para, como que num passo para trás, conseguir dizer como mundo e linguagem se correspondem - ou não (Gagnebin, 2016, p. 10).

A complexa relação entre a linguagem e o mundo, que não pode ser destrinchada, gera esse sentimento de indizível. Ainda assim, como afirma a autora, “a impossibilidade da descrição e da fala não acarreta necessariamente o silêncio” (Gagnebin, 2016, p. 11), ao contrário, como demonstra Clarice Lispector em sua literatura, é capaz de gerar uma nova forma de literatura, uma que a teórica denomina “literatura do indizível”.

As narrativas de Clarice se apresentam, assim, ao questionarem a capacidade do discurso para dizer aquilo que o põe em crise, como uma tentativa de apreender o elemento subjacente, ou o mistério da própria existência e do ser, o que a torna problemática, mas também emblemática. Olga Borelli, amiga e quem datilografou grande parte de *A hora da estrela*, uma vez que Clarice já estava bastante debilitada, disse em entrevista à TV Cultura (1977), que o livro começou pelo registro da morte de Macabéa. A isso Barthes (2007), chama de metanarratividade, quando a obra literária tende a voltar-se a si própria, como processo de reflexão e referência.

1.2 “Teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas”: a interpretação feminina na obra de Clarice

É inevitável não traçar também um paralelo que permeia a representação do feminino nas personagens de Clarice, uma vez que estas são os fios condutores para formar a grande teia na qual podemos analisar, criticar, e principalmente nos reconhecermos. Sentir-se Macabéa não se limita apenas às mulheres, mas a todos aqueles que permitem o questionamento de sua própria existência, como aconteceu ao próprio narrador da obra, Rodrigo S. M. A busca pelo indizível, pelo âmago da coisa, reforça essa sagacidade que conquista os leitores de Clarice, como destaca Lúcia Helena (1991), no livro *Clarice e o feminino*:

Creio mesmo haver uma obliquidade quase machadiana na maneira pela qual Clarice escolhe e registra os laços que nos colhem. Com a sutileza que não quer nem simplesmente opinar, nem julgar, mas principalmente nos impedir de ler apenas as simetrias, seu texto conduz o leitor a procurar nas zonas de conflito as dissimulações do narrador (Helena, 1991, p. 26).

É justamente a escolha dessas personagens, os narradores, as situações prosaicas, e aqui a marginalização, que reiteram a busca incessante de Clarice por um texto literário que não apazigua, não por ser difícil, mas por não mascarar uma realidade que nos é permitida relacionar. E, de acordo com a teórica, não só nas representações femininas em relação direta ao homem, mas também com outras identidades (Helena, 1991), como no caso de Martim em *Maçã no escuro* (1956), ameaçado por uma tensão psíquica de sentimentos existenciais, com a própria Macabéa que além de sua frágil relação com Olímpico, é duramente massacrada por uma sociedade que marginaliza corpos ao invés de emancipá-los em nome do bem comum, com a datilógrafa, com seu salário que dá apenas para comer cachorro-quente e tomar *Coca-Cola*.

Na seara da fortuna crítica literária de Clarice, há inúmeros ensaios que estabelecem relações com outras áreas do saber. Uma vez que se instaura um campo minado, muitos estudos contemporâneos não abarcam a totalidade da obra clariceana, visto que o movimento infinito de recepção e fruição perdura a cada leitura. A escrita clariceana, além de romper com os manuais de redação da época e se configurar num período pós-modernista, apresenta narrativas com personagens inquietantes, mesmo aqueles com existência nula, como a de Macabéa, que apresenta uma narrativa instigante pelo mesmo motivo.

No livro *Um século de Clarice Lispector, ensaios críticos*, organizado por Yudith Rosenbaum e Cleusa Rios P. Passos (2021), há 24 ensaios críticos que mostram o universo de Clarice por diversos pontos de vista, além de apresentar a teia em que autora, personagem e

leitor se interligam a fim de continuar o movimento infinito de recepção e fruição. Existe um elo que liga todos os participantes em uma narrativa que dialoga para a ampliação de infinitas observações, uma delas é esse trabalho que visa a análise do sujeito com os elementos que o caracteriza, se estabelecem com conceitos inerentes ao sujeito inserido numa sociedade e que está à margem dela.

A obra de Clarice Lispector ocupa um lugar familiar, que também é ocupado pelo estranho. Noemi Jaffe, escritora e estudiosa de Clarice, ao participar do programa televisivo *Café filosófico*, resalta que o estranhamento é fundamental na obra de Clarice, em todos os grupos que convivia se sentia estranha, o que provoca uma reflexão acerca do *outsider* que se oculta e se revela dentro dos seres, no caso, seus personagens. (Café filosófico, 2016)

Conclui-se, portanto, que a recepção crítica da obra de Clarice Lispector percorreu um trajeto marcado por resistências iniciais, mas também por um progressivo reconhecimento da originalidade e da profundidade de sua escrita. Sua produção literária, que desafia classificações genéricas e mobiliza questões filosóficas, existenciais e estéticas, passou a ser objeto de análises cada vez mais complexas e interdisciplinares. Uma das análises já considerada superada, mas que propiciou grandes estudos, é o conceito de epifania, ponto central da concepção artística de James Joyce, associado diretamente à obra de Clarice, especificamente no conto *Amor*, do livro *Laços de família* (1960).

A crítica literária, ao longo das décadas, soube a importância de Clarice não apenas no contexto da literatura brasileira, mas também no cenário internacional, reconhecendo nela uma autora cuja obra ultrapassa os limites do tempo e das convenções.

1.3 “Estou escrevendo na hora mesma em que sou lido”: as relações entre narrador, leitor e personagem em *A hora da estrela*

Desde as primeiras páginas de seu romance, Clarice rompe com a estrutura tradicional desse gênero e introduz um narrador-personagem, Rodrigo S. M., que se posiciona entre a história e o leitor. Esse recurso literário torna a experiência da leitura ainda mais profunda, pois o narrador expressa suas próprias angústias e dúvidas, que podem refletir aquelas do leitor, sobre a protagonista e sobre sua própria função enquanto escritor: “Escrevo neste instante com algum prévio pudor por vos estar invadindo com tal narrativa tão exterior” (Lispector, 1977, p. 12).

A história contada Rodrigo S. M., porém, é a história de Macabéa, nordestina, migrante, cuja existência apagada poderia se transfigurar na forma de um grande acontecimento que nunca se instaura. O leitor, ao se deparar com a fragilidade dessa personagem, não apenas é confrontado com um quadro de uma existência falhada, como também se vê forçado a refletir sobre sua própria postura diante da miséria humana. Macabéa se apresenta não como uma heroína tradicional, nem mesmo como uma anti-heroína; ela é uma figura apagada, submissa às circunstâncias e sem consciência de sua própria existência. O modo como ela é apresentada por Rodrigo S.M. causa desconforto, pois reflete uma realidade muitas vezes ignorada pela sociedade: “[...] ela é virgem, inócua, não faz falta a ninguém” (Lispector, 1977, p. 23).

Há um narrador que tanto julga quanto apresenta. Por sua vez, a relação entre o leitor e a obra é construída a partir de um jogo de espelhos. Se, por um lado, Rodrigo S. M. se compadece de sua personagem, por outro, ele também se antecipa ao julgamento do leitor, expressando um misto de pena e desprezo por essa existência (que poderia ser, no entanto, conforme uma suspeita que se instala desde o início no espírito do leitor, a existência de qualquer um). O leitor, então, é chamado a se posicionar: será que ele também é indiferente ao destino de Macabéa? Sentirá compaixão ou incômodo diante da narrativa?

A aparente simplicidade da vida de Macabéa contrasta com a complexidade do texto, que, em sua estrutura fragmentada, reflete a dificuldade de se contar a história de alguém que parece não ter história, ao menos é o que todos acreditam, incluindo o próprio narrador. Segundo Nunes (1973, p. 42), “o discurso narrativo compõe-se de variações extremas, harmonizando diferentes modos de dicção, como o irônico e o cômico”.

No fim da narrativa, a tragédia de Macabéa se concretiza de forma abrupta, deixando o leitor com uma sensação de vazio. Esse desfecho reforça a crítica social presente na obra e a reflexão sobre o destino dos invisíveis. Ao terminar a leitura, a pergunta que paira no ar é: quantas Macabéas existem no mundo? E quantas delas passarão despercebidas, sem sequer ganhar uma história?

Clarice constrói uma narrativa que, ao mesmo tempo em que expõe a condição de invisibilidade social e existencial de Macabéa, convida o leitor a um reconhecimento perturbador de si mesmo na figura da protagonista. A escrita fragmentária e autorreflexiva de Rodrigo S.M. não apenas apresenta Macabéa como uma jovem nordestina pobre, alienada e excluída, mas a transforma em espelho de uma humanidade dilacerada pela ausência de sentido, pela solidão e pela busca vã por pertencimento. Ao evitar uma abordagem paternalista ou heroica, Clarice desfaz as fronteiras entre sujeito e objeto de leitura, colocando em xeque a ilusão de superioridade do leitor diante da figura miserável da personagem.

Dessa forma, a leitura de Macabéa não se limita à compaixão ou crítica social, mas opera como uma experiência filosófica que interpela o leitor a reconhecer, no silêncio e na opacidade da personagem, aspectos recalcados ou ignorados da própria subjetividade.

Dessa maneira, *A hora da estrela* (1977) é considerado um soco no estômago, como afirma Maria Homem (2021), no sentido de transitar na marginalização social e na subjetividade do sujeito, Lispector assim, com sua prosa inquietante, transforma o ato da leitura em um processo de autoconhecimento e questionamento sobre o outro e sobre si mesmo.

Em *A hora da estrela* (1977), essa interação é particularmente evidente, dada a presença do narrador que, além de contar a história, questiona o próprio ato de narrar e tenta compreender a vida de Macabéa. Esse processo de mediação entre narrador, personagem e leitor pode ser melhor compreendido através do campo da estética da recepção, pelo qual o significado da obra se revela não de forma linear, mas de maneira dialogada e, muitas vezes, ambígua. A personagem Macabéa é descrita de maneira desconcertante, como uma figura quase transparente na sociedade. Berta Waldman aponta para a existência de uma narrativa que se multiplica em três:

A hora da estrela é uma narrativa que pretende ser “exterior” e “explícita”. Um relato, um registro de fatos. Mas, na verdade, elas se multiplicam em três. Para começar, estão em cena dois narradores sobrepostos: Rodrigo S.M., que se apresenta como o autor do livro, fazendo, portanto, às vezes de outro autor, aquele cujo nome figura na capa, isto é, Clarice Lispector. Esse, ao mesmo tempo relata uma história, a vida de uma moça nordestina, conta sua própria história. Ainda temos uma terceira história — a da própria narrativa — que situa os leitores diante dos impasses dessa narrativa particular e da narrativa contemporânea, de modo geral. (Waldman, 1992, p. 92)

A trama não segue uma linha narrativa tradicional e linear, mas se constrói por fragmentos de vivências e pensamentos desconexos, características do fluxo de consciência.

O narrador, Rodrigo S. M., se posiciona como uma figura que tenta dar voz à personagem, mas também se vê como parte da construção da história, o que pode gerar estranhamento no leitor. A obra, dessa forma, promove uma espécie de interação entre o leitor e o texto, onde as lacunas e as ambiguidades da narrativa tornam-se espaços de recepção ativa. A recepção da obra é multifacetada, com diferentes possíveis interpretações dependendo do contexto histórico, social e cultural do leitor.

1.3 “Juro que este livro é feito sem palavras. É uma fotografia muda”: a pluralidade interpretativa de *A hora da estrela*

Em 1977, o Brasil vivia um momento de transição política, com o fim da ditadura militar e a abertura política. A obra dialogava diretamente com a condição das camadas marginalizadas da sociedade, ao retratar uma personagem pobre, sem perspectivas, e excluída do sistema de classes. Macabéa, como personagem, pode ser vista como um símbolo da invisibilidade social, algo que ressoava profundamente com os leitores da época, que se viam, de alguma forma, confrontados com os efeitos da desigualdade no país. No entanto, a recepção se diversifica ao longo do tempo.

À medida que o país avançava para um período de redemocratização, novos leitores passaram a se deparar com a obra sob outras óticas, mais distantes do contexto ditatorial. Isso não significa, porém, que a obra traga ilimitadas interpretações, ou que o poder do leitor sobre esta seja absoluto. Como afirma Umberto Eco (2005), os critérios de interpretação devem estar limitados àquilo que está na própria obra, bem como nos elementos que o cercam. Como afirma o próprio autor: “Se há algo a ser interpretado, a interpretação deve falar de algo que deve ser encontrado em algum lugar, e de certa forma respeitado.” (Eco, 2005, p. 51).

Sob novas óticas, Macabéa passa a ser uma personagem que encarna o esquecimento e a falta de voz dos indivíduos das classes mais baixas, sem um vínculo direto com o passado político, mas com a perpetuação de uma realidade social de opressão. O narrador da obra é fundamental para compreender a recepção de *A hora da estrela* (1977). Ele é uma figura que constantemente interage com o leitor, oferecendo uma visão parcial e muitas vezes contraditória sobre Macabéa. Essa interação entre narrador e leitor ilustra a ideia de que a recepção de um texto não é um processo passivo. Em vez de ser um mero veículo de informações, o narrador se torna um mediador entre o leitor e a realidade da personagem. Ele compartilha com o leitor suas reflexões sobre o ato de contar histórias e questiona se ele é capaz de realmente dar voz a alguém como Macabéa.

O narrador também estabelece uma relação entre o escritor e sua criação. Ele se coloca como uma figura que, mesmo sem intenção de exaltar a personagem, tenta fazer com que ela seja vista por outros, algo que coloca em jogo o conceito de voz e visibilidade social. Ao mesmo tempo, a maneira como Rodrigo se dirige ao leitor revela uma tensão entre a responsabilidade da escrita e a tentativa de captar uma verdade sobre a personagem, que parece esquivada e quase impossível de ser totalmente compreendida.

A estética da recepção permite que a interpretação da narrativa se amplie conforme as transformações sociais e culturais acontecem. Para leitores em décadas posteriores à publicação da obra, Macabéa pode ser vista não apenas como uma representação da marginalidade no

contexto brasileiro da década de 1970, mas também como um símbolo da luta contra a invisibilidade e a desumanização que ainda afetam populações periféricas.

O caráter atemporal da obra a torna relevante para diferentes gerações, permitindo múltiplas leituras e interpretações. Em um sentido mais amplo, a obra de Clarice Lispector destaca-se por explorar a condição humana de forma profundamente subjetiva, e claro, como aponta Berta (1992, p.103), por razão do “contínuo deslocamento do texto de Clarice à procura da recuperação do pólo sensível da vida, do núcleo que reúne a participação de todos os seres e coisas que compõem a existência”, e *A hora da estrela* (1977) coloca a recepção do texto como uma experiência estética que não se limita à leitura do texto em si, mas ao encontro entre a vida do leitor e o universo narrativo da obra.

A hora da estrela (1977) não é apenas uma obra sobre a vida de uma personagem marginalizada, mas também um convite à reflexão sobre o papel da literatura na construção de significados, ainda sob a perspectiva do livro *Ensaio: Literatura — Clarice Lispector*, de Berta Waldman (1992, p. 96), há considerações importantes sobre o universo de Macabéa, um deles é como poder falar de Macabéa, “faz-se pobre, dorme pouco, adquire olheiras fundas e escuras, deixa a barba por fazer, anda nu ou em farrapos, abstém-se dos prazeres do sexo e do futebol”, para assim, talvez, captar a essência de Macabéa, sobretudo sem enfeites nas palavras.

O romance de Clarice Lispector, quando analisada sob a ótica da estética da recepção, revela a dinâmica entre autor, texto e leitor. A interação entre o leitor e o texto é uma construção contínua, que não se limita a uma única interpretação, mas se transforma conforme as circunstâncias históricas e pessoais do receptor. Isso reflete a verdadeira essência da obra de Lispector: ela é um texto que, ao ser lido, se refaz, se reinventa e se torna, sempre, um acontecimento estético único e transformador.

Ao longo de sua carreira, Clarice foi afastando-se das estruturas tradicionais de narração e se aventurando por narrativas que privilegiam a percepção sensorial, a dúvida, o silêncio e a ambiguidade, refletidos no indizível presente em *A hora da estrela*, por aquilo que é dito no limiar da linguagem, no livro que é “um silêncio”, “uma pergunta”. Na entrevista já mencionada, Clarice diz fazer questão de não ser uma profissional, afirma ser uma amadora para não perder sua liberdade, essa liberdade é evidenciada em sua maneira de escrever, sem moldes.

Entrevistador: Clarice, a partir de qual momento você efetivamente decidiu assumir a carreira de escritora?

Clarice Lispector: Eu nunca assumi.

Entrevistador: Por quê?

Clarice Lispector: Eu não sou uma profissional, eu só escrevo quando eu quero. Eu sou uma amadora e faço questão de continuar sendo amadora.

Profissional é aquele que tem uma obrigação consigo mesmo de escrever. Ou então com o outro, em relação ao outro. Agora eu faço questão de não ser uma profissional para manter minha liberdade.

(Entrevista concedida ao jornalista Júlio Lerner, em 1 de fevereiro de 1977, para o programa “Panorama”, da TV Cultura, de São Paulo.)

O uso de monólogos interiores, por exemplo, é uma das marcas registradas de sua escrita. A autora, mestra da introspecção, cria uma atmosfera onde os conflitos internos de seus personagens são mais significativos do que qualquer acontecimento externo.

Em *Perto do coração selvagem* (1944) Clarice escreve: “Dentro de si era como se não houvesse a morte, como se o amor pudesse fundi-la, como se a eternidade fosse a renovação” (Lispector, 1944, p. 43).

Passagens como essa, que tomam papéis cada vez maiores na obra da autora, demonstram que sua obra exige do leitor uma atenção profunda aos detalhes e uma disposição para entrar em um universo de incertezas e questionamentos. O texto de Clarice muitas vezes não oferece respostas fáceis, e as suas personagens se veem diante de dilemas existenciais que não têm solução clara.

A hora da estrela (1977), assim como as demais obras da autora, é caracterizado por uma escrita que desafia as convenções narrativas tradicionais. Além do uso do indizível para representar os limites da linguagem, Waldman (1992) aponta também para a diluição dos gêneros, a quebra do tempo linear e do espaço físico que torna a escrita de Clarice em deslocamento contínuo, muitas vezes desafiando as normas linguísticas e estruturais. Em *A hora da estrela*, existe um recurso que aparece vez ou outra, a “explosão”:

Na hora que Olímpico lhe dera o fora, a reação dela (explosão) veio de repente inesperada: pôs-se sem mais nem menos rir. Ria por não ter lembrado de chorar. Surpreendido, Olímpico, sem entender, deu algumas gargalhadas (Lispector, 1977, p. 61).

Em obras como *A paixão segundo G. H.* (1964), Clarice emprega uma linguagem que é ao mesmo tempo poética e filosófica, explorando a experiência sensorial de sua protagonista ao entrar em contato com um inseto. Benedito Nunes (1973) afirma que:

Através de todas as situações particulares, de todos os estados mutáveis, de todos os acontecimentos externos, perdura o interesse apaixonado pela existência, que nivela exemplarmente as personagens todas. Onde quer e como quer que se situem, elas já se encontram situadas no mundo por esse nexos afetivo preliminar que comporta para o existente, a condição de abandono, de ser derelicto, sem outra realidade além da existência factiva (Nunes, 1973, p. 101).

Esse momento aparentemente trivial se transforma em uma reflexão sobre a identidade e o sentido da vida, um dos exemplos de sua capacidade de transformar o comum em algo sublime e profundamente existencial.

Em síntese, a obra de Clarice Lispector se configura como um campo privilegiado para a reflexão acerca da identidade e do sentido da vida, temas que perpassam sua escrita de forma densa, fragmentária e filosoficamente instigante. Através de uma linguagem que tensiona os limites da representação, Clarice desafia o leitor a confrontar o indizível, o enigmático e o essencialmente humano. Sua literatura, portanto, não oferece respostas fechadas, mas convida à escuta do silêncio, ao acolhimento da dúvida e à abertura ao mistério do ser.

Diante disso, no próximo capítulo, propõe-se aprofundar a leitura da narrativa clariceana à luz do aparato filosófico, estabelecendo um diálogo entre os impasses existenciais da narrativa clariceana.

CAPÍTULO 2

LITERATURA E FILOSOFIA EM *A HORA DA ESTRELA*

*Quero que os outros compreendam o que jamais
compreenderei.*

Clarice Lispector

2.1 “Para que escrevo? E eu sei? Sei não”: as relações entre literatura e filosofia ao longo da história

As relações entre a literatura e a filosofia, já há muito tempo, são bastante discutidas e se estabelecem em trabalhos de escritores e filósofos. A filosofia sempre contribuiu com a interpretação da literatura, e a literatura sempre se inspirou na poesia, haja vista as obras de autores como Fernando Pessoa, Antero de Quental, Carlos Drummond de Andrade e da própria Clarice Lispector. Na verdade, os pensamentos filosóficos de Platão nascem justamente a partir de seu contemto pela literatura. Platão, que valorizava o diálogo vivo em detrimento da literatura — e da escrita de maneira geral — baseia seus pensamentos filosóficos, dentre outros motivos, na problemática da primazia da poesia sobre o diálogo oral imediato (cf. Gagnebin, 2016).

Para o filósofo, a poesia, e as artes de maneira geral, pertencem às ilusões de mundo material, imitações vazias deste mesmo mundo material mutável que, assim como nosso mundo só pode imitar o mundo das ideias, apenas tenta representar o real de maneira falha (cf. Magalhães, 2009). A opinião de Platão sobre as artes e aqueles que as produzem é tão extrema que, para o filósofo “O artista não mereceria um lugar na República por ser um imitador de nível inferior, alguém que poderia, inclusive, corromper a compreensão da juventude por lançar mão da ilusão como forma de representação” (Magalhães, 2009, p. 49).

Como afirma Magalhães (2009), poesias como a de Homero, pautada em mitos, eram, para Platão, um impedimento para a construção dos pensamentos e discursos filosóficos. É inaceitável então que a “mentira” da ficção nos comova mais do que a “realidade” na República ideal de Platão (Gagnebin, 2016). Como afirma Gagnebin (2016, p. 9), para Platão,

os caracteres escritos se “assemelham perigosamente à pintura”, imitam a vida, mas estão mortos, não respondem quando interrogados, continuam mudos e perigosamente belos nesse território enigmático onde morte e beleza se combinam, como no canto das Sereias.

Isto é, para o filósofo, a principal diferença entre a filosofia e a literatura: a filosofia se baseia no diálogo vivo entre pessoas, enquanto a literatura consiste em palavras mortas, que imitam, de maneira falha, a vida. Essa ideia é disputada por Aristóteles, que enxerga a poesia e a arte através do conceito de *mimesis*, ou representação do real. Aristóteles entende a dicotomia entre filosofia e literatura, não como palavras vivas vs. palavras mortas, mas como os domínios do passado e futuro. Para o filósofo:

não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa [...] — diferem, sim, em que diz um *as coisas que sucederam*, e outro *as que poderiam suceder*. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta, o particular (Aristóteles, 2003, p. 115, grifos meus).

A história, pela qual a filosofia busca a compreensão reveladora do universal, preocupa-se então com aquilo que aconteceu — passado — enquanto a literatura com aquilo que *poderia* acontecer — futuro. Isso não quer dizer, no entanto, que a poesia não possa refletir as coisas passadas, ou que a filosofia, aquilo que poderia acontecer, ao contrário, ambas fazem isso com frequência, o que demonstra também que não estão tão distantes assim. Por mais que Platão e os pós-socráticos tentassem desvencilhar a filosofia da literatura, como forma de

aproximá-la mais da ciência, ainda constroem seus pensamentos filosóficos de maneira poética, como é o caso dos *diálogos* de Platão, carregados da literariedade dos poetas que condenava (Gagnebin, 2016).

Na verdade, a aceitação de uma reaproximação entre a filosofia e a literatura só aconteceu nas últimas décadas, em meio à crise existencial causada pelas duas Guerras Mundiais (cf. Oliveira, 1988), a partir do pensamento de filósofos modernos como Friedrich Nietzsche (2013), que aborda a dificuldade em separar as duas áreas ao mencionar o “grande embaraço em saber se a filosofia é uma arte ou uma ciência. É uma arte em seus fins e em sua produção. Mas o meio, a representação em conceitos, ela o tem em comum com a ciência. É uma forma de poesia” (Nietzsche, 2013, p. 53).

Como menciona o filósofo, a filosofia carrega características tanto da ciência quanto das artes, em especial da literatura, e essa característica, como já abordado anteriormente, data do próprio Platão e dos pré-socráticos antes dele. É inclusive dessa mesma abordagem pós-modernista, na qual literatura e filosofia andam juntas, que nasce a literatura existencialista de Clarice Lispector.

Os debates sobre as relações entre literatura e filosofia no Ocidente nascem junto com esta e permanecem até hoje, ainda que sob abordagens diferentes, mas, talvez mais importante do que entender o que difere essas duas áreas, seja compreender o que as aproxima. Entender como o abstrato e o concreto, o inteligível e o sensível, o ideal e o representativo se complementam.

É um dos pontos que buscamos demonstrar neste trabalho, como Clarice Lispector se utiliza dessa inabilidade da palavra escrita de representar a realidade criticada por Platão para construir sua literatura. As indagações sobre essas duas áreas serão levantadas a partir da noção do Sujeito.

2.2 “Nunca pensara em “eu sou eu””: literatura, filosofia e a construção do sujeito literário

Esta dissertação propõe uma investigação interdisciplinar sobre a construção do sujeito literário na intersecção entre literatura e filosofia. Partindo do reconhecimento de que ambas as áreas compartilham o interesse pela constituição do humano, busca-se compreender de que maneira o discurso literário configura modos de subjetivação que, embora distintos dos modelos filosóficos conceituais, produzem igualmente formas de pensamento. A análise se apoia em autores como Friedrich Nietzsche, Mikhail Bakhtin e Maurice Blanchot, explorando a ideia de que o sujeito na literatura não é dado, mas produzido pela linguagem, pelo tempo narrativo e

pela abertura ao indizível. Ao destacar a especificidade da ficção como forma de pensamento, argumenta-se que a literatura realiza uma filosofia encarnada, na qual a subjetividade emerge como processo, tensão e incompletude.

A história da filosofia ocidental é marcada por tentativas de definir o sujeito como unidade racional, consciente e autônoma. Desde Descartes até Kant, o sujeito tem sido concebido como centro organizador da experiência e da verdade. No entanto, a literatura opera de maneira distinta: nela, o sujeito frequentemente se apresenta em crise, fragmentado, contraditório — não como essência, mas como construção narrativa. A presente dissertação investiga como o sujeito literário se constitui a partir do cruzamento entre discurso filosófico e linguagem literária, com ênfase na ficção moderna e contemporânea.

Não se trata de subordinar a literatura à filosofia, mas de compreender como a literatura filosofa por meios próprios, encenando questões ontológicas, éticas e existenciais a partir de imagens, personagens e estruturas narrativas. O foco da pesquisa será a análise da formação do sujeito literário como processo de linguagem, tensionado entre a identidade e a alteridade, a consciência e o inconsciente, o eu e o outro.

Conforme abordado anteriormente, a oposição entre filosofia e literatura tem raízes antigas, remontando a Platão, que via na poesia um perigo para a formação do sujeito racional. No entanto, a existência das duas áreas e as relações estabelecidas entre elas contribuíram para análises profundas do sujeito. Martha Nussbaum (1990) ressalva que “a literatura é considerada um instrumento de comunicação de verdades que podem, a princípio, serem adequadamente expressas sem literatura e compreendidas nesta forma por uma mente madura” (Nussbaum, 1990, p. 7).

A literatura não apenas tematiza problemas filosóficos como a liberdade, o tempo, a morte, o eu, como também os dramatiza, dando corpo à abstração. Com isso, o texto literário não apenas representa o sujeito, mas o produz enquanto experiência estética e existencial.

Maurice Blanchot aprofunda essa visão ao pensar a literatura como um espaço onde o sujeito se desfaz no próprio ato de escrever. Segundo ele, o escritor entra em contato com uma linguagem que o despossui: “A obra — a obra de arte, a obra literária — não é acabada nem inacabada: ela é. [...] Quem quer fazê-la exprimir algo mais, nada encontra, descobre que ela nada exprime.” (BLANCHOT, 1987, p. 12) Para Blanchot, a obra mantém uma certa relação com a impessoalidade, com a neutralidade da qual nenhum sujeito pode tomar posse. A obra não enuncia uma verdade, mas o advento dessa verdade na forma de imagem, dentro da qual é possível que o sujeito se perca ou que as mais elevadas intenções de consciência e boa-fé

também já estejam perdidas, sendo portanto não a subjetividade, mas a imagem da subjetividade projetada no espaço do neutro.

A paixão segundo G. H. é, possivelmente, o texto em que Clarice Lispector explora mais sistematicamente e amplamente a ideia dessa relação com o neutro. No entanto, também em *A hora da estrela* temos uma aproximação, bem como um exemplo paradigmático de como a literatura pode explorar a subjetividade do sujeito de forma radical. Por outro lado, outro ponto a considerar é que esse livro tardio revisita quase todos os problemas das outras narrativas. Berta Waldman (1992) sintetiza esse recolhimento de problemas da seguinte forma:

Macabeá lembra Joana às vezes por contraste. Ela jamais se pergunta: “se tivesse a tolice de se perguntar ‘quem sou eu’? cairia estatelada e em cheio no chão.”

Macabéa, como Virgínia, é também um ser fluido e, como ela, morre atropelada na rua da grande cidade. Como Lucrecia Neves, Macabéa só sabe “espionar”.

Como Martim, o narrador de *A hora da estrela* “a procura da palavra no escuro”. De G. H., o narrador tem a paixão. Nu ou com a roupa rasgada, quer sentir o inosso do mundo e, com coragem, “banhar-se no não”.

Como em *Uma aprendizagem*, Macabéa atina com seu destino de mulher. É verdade que não conhece os desmaios de amor, como Lóri.

(Waldman, 1992, p. 102)

Em *Perto do coração selvagem*, a protagonista Joana afirma: “É curioso como não sei dizer quem sou” (Lispector, 1994, p. 23), revelando uma consciência em constante oscilação entre o saber e o indizível. A linguagem na obra de Clarice é marcada pela hesitação, pelo silêncio e pela interrupção, ela escreve no limiar da fala e do pensamento.

Se a filosofia buscou, durante séculos, um sujeito coeso e racional, a literatura revelou suas falhas, ausências e contradições. Ao assumir essa condição, a literatura se afirma como um campo legítimo de reflexão filosófica, não pelo rigor lógico, mas pela capacidade de dar forma sensível às perguntas mais profundas da existência, e na narrativa de Clarice, “é do texto que resvala um hiato de silêncio poético, a partir do qual o leitor recupera a realidade em sua força”. (Waldman, 1992, p. 104).

2.3 “Pensar é um ato. Sentir é um fato”: A filosofia de *A hora da estrela*

Do ponto de vista da reflexão sobre o sujeito, a obra *A hora da estrela* oferece um terreno fértil para uma análise filosófica da subjetividade ou do modo como esta acontece no mundo contemporâneo. A protagonista Macabéa surge como o oposto da figura tradicional do sujeito

racional, autônomo e coeso, o sujeito burguês, empreendedor e uno, como idealizado em certo setor da modernidade filosófica. Sua existência silenciosa e invisibilizada nos leva a refletir sobre um sujeito problemático, cuja existência a filosofia nos ajuda a compreender, mesmo quando não o tematiza. A seguir, daremos exemplos de como é possível tratá-lo, recorrendo primeiramente a Descartes — filósofo considerado como o primeiro, na modernidade, a introduzir a questão do sujeito como base ontológica para a reflexão sobre o processo do conhecimento.

René Descartes, na obra *Discurso do método* (1637), apresenta o sujeito moderno com sua máxima *Cogito, ergo sum* — “Penso, logo existo”. Essa fórmula inaugura uma concepção de sujeito centrado na dúvida radical o que possibilita a construção de uma filosofia. A subjetividade passa a ser o fundamento de toda certeza e de toda estrutura do saber. No entanto, Macabéa encarna justamente o contrário: ela existe, mas sua existência não é mediada por uma consciência crítica de si. Ela vive à margem do pensamento reflexivo, como alguém que não pensa, logo mal existe aos olhos da sociedade — e de certa maneira aos próprios olhos também. Clarice constrói esse pensamento reflexivo acerca da subjetividade que permeia *A hora da estrela* desde sua estreia como escritora, como quando a personagem Joana se volta para si, em *Perto do coração selvagem*:

É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer, porque no momento em que tento falar não só exprimo o que sinto como o que sinto transforma lentamente no que eu digo. Ou pelo menos o que me faz agir não é o que eu digo. Sinto quem sou e a impressão está alojada na parte alta do cérebro, nos lábios — na língua principalmente —, na superfície dos braços e também correndo dentro do meu corpo, mas onde, onde mesmo, eu não sei dizer (Lispector, 1994, p. 29).

A introspecção é uma das características centrais da literatura de Clarice, quem as personagens são e o que elas sentem definem suas vidas e guiam suas escolhas. Esse trecho de Clarice Lispector aborda uma reflexão profunda sobre a identidade e a dificuldade de expressá-la verbalmente. A narradora se vê em um impasse entre o saber quem é e a impossibilidade de comunicar isso de maneira clara, o que revela uma tensão entre o sentimento interno e a linguagem externa. Essa ideia de que “não posso dizer” implica que a experiência da identidade é algo tão íntimo e subjetivo que as palavras, por mais que tentem capturar sua essência, acabam distorcendo o que ela realmente sente.

O que Clarice sugere é que a linguagem tem o poder de transformar aquilo que é vivido internamente. Ao tentar expressar o que sente, a narradora percebe que o ato de falar não apenas

descreve, mas também modifica aquilo que ela estava experimentando. Esse processo de transformação, onde o "sentir" se altera ao ser expresso, ilustra uma desconexão entre a experiência interna (que é única e imediata) e as formas rígidas da linguagem (que são coletivas e limitadas).

Além disso, a imagem do "sentir quem sou" situada no corpo, na "parte alta do cérebro, nos lábios, na língua, nos braços", reforça a ideia de que a identidade está enraizada na percepção corporal. Ela não é apenas uma construção mental ou intelectual, mas algo que se vive fisicamente, que se sente no próprio corpo. A sensação de "saber quem se é" está conectada a uma experiência sensorial, mas, ao tentar verbalizar isso, o processo de dizer se torna problemático, porque a linguagem não consegue abarcar essa totalidade do ser.

Portanto, ao refletir sobre esse trecho, podemos perceber como Clarice explora a complexidade da identidade humana, que não pode ser facilmente reduzida a palavras. O texto nos convida a questionar a relação entre o que sentimos e o que conseguimos comunicar, sugerindo que a verdadeira experiência de quem somos permanece, em grande parte, inefável — não podendo ser totalmente traduzida ou expressa através de uma linguagem que se distorce na tentativa de ser articulada.

Esse dilema da identidade é central na obra de Clarice, e essa passagem é um excelente exemplo de como a autora explora a profundidade do ser humano e as limitações da linguagem para expressar a totalidade da experiência interna.

Macabéa, no entanto, não possui o “privilégio epistêmico” de um sujeito cartesiano. Sua ignorância, sua condição social e seu apagamento são mostrados não como escolhas, mas como imposições. Clarice nos apresenta uma protagonista que não reivindica sua existência por meio do pensamento, mas pela simples persistência em estar viva — algo que, paradoxalmente, a torna ainda mais invisível.

Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz. A única coisa que queria era viver. Não sabia para quê, não se indagava. Quem sabe, achava que havia uma gloriuzinha em viver. Ela pensava que a pessoa é obrigada a ser feliz. Então era. Antes de nascer ela era uma idéia? Antes de nascer ela era morta? E depois de nascer ela ia morrer? Mas que fina talhada de melancia (Lispector, 1977, p. 27-28).

Essa citação também reflete um questionamento sobre a identidade, mas, de maneira mais direta, ela lida com o conceito de "consciência de si" e o modo como o sujeito se percebe no mundo. Ao comparar a moça com um cachorro que "não sabe que é cachorro", Clarice nos

apresenta a ideia de um ser que não reflete sobre sua própria existência, não faz perguntas filosóficas sobre o sentido da vida ou da morte. A moça vive sem questionar sua essência, suas motivações ou seu propósito. Ela apenas vive.

Essa falta de questionamento é fundamental: a personagem não se sente infeliz porque não está consciente de sua condição como sujeito filosófico. Ela é como um ser sem a angústia existencial de quem se coloca questões sobre a vida e a morte. A frase "não sabia para quê, não se indagava" indica uma ausência de reflexão, mas também uma espécie de inocência ou tranquilidade, já que ela não sente o peso das grandes questões existenciais.

O "sujeito filosófico" é geralmente aquele que se coloca questões sobre sua existência, sobre o sentido da vida, sobre o que significa ser "quem é". Em muitas correntes filosóficas, a capacidade de se questionar sobre o ser é central para a compreensão de nossa própria humanidade. O sujeito filosófico é aquele que reflete sobre a própria vida, é consciente da sua finitude e, por isso, sente o peso de sua existência de maneira profunda e angustiante.

No entanto, a personagem de Clarice não é esse sujeito questionador destacado pela filosofia. Ela não se questiona, não há um movimento reflexivo sobre sua própria identidade ou sobre o propósito de sua vida.

Para ela, viver é suficiente, e sua visão do mundo está mais próxima de uma experiência pura e imediata, sem a intermediação da reflexão filosófica, Macabéa assume um anonimato de acordo com o narrador: "embora a moça anônima da história seja tão antiga que podia ser uma figura bíblica. Ela era subterrânea e nunca tinha tido floração. (Minto: ela era capim.)" (Lispector, 1977, p. 31)

A questão existencial de "Antes de nascer ela era uma ideia? Antes de nascer ela era morta? E depois de nascer ela ia morrer?" reflete uma dúvida filosófica central, mas para a moça, essas questões não a afligem. Ela não é capaz de se colocar como um sujeito filosófico, porque ainda não se colocou diante da realidade de sua própria existência como algo problemático ou questionável. A consciência de si e a percepção da própria finitude são, para ela, inexistentes.

Uma relação interessante com a filosofia existencialista, por exemplo, poderia ser a reflexão sobre a angústia que vem com o reconhecimento da morte e da liberdade. A moça de Clarice, ao contrário, não sente essa angústia, ela apenas "vive". Para o sujeito filosófico, como nos ensina Sartre, a consciência de sua liberdade e responsabilidade sobre a própria existência traz o fardo de um constante questionamento. Em seu ensaio, *Existencialismo é um humanismo* (1946) Sartre aponta que "Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer

que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens” (Sartre, 1987, p. 12).

O sujeito definido por Sartre é um angustiado por um poder de escolha que Macabéa, bem como tantos outros que vivem à margem da sociedade, simplesmente não dispõe. Presa em uma situação social que não lhe deixa opção senão seguir suportando a dor de viver até o trágico momento de sua morte. Isso não quer dizer, no entanto, que não exista subjetividade em Macabéa, apenas que esta não é como aquela abordada por Sartre. Mesmo que presa à uma realidade da qual não enxerga saída, Macabéa devaneia sobre ser uma artista de cinema, uma mulher desejada, alguém que não ela própria.

Por fim, a metáfora da "fina talhada de melancia" expressa uma percepção desconexa, quase absurda, de algo simples e direto, como a vida que a moça leva. A melancia, uma fruta que se corta de maneira simples e que, ao ser cortada, revela o que está dentro, pode simbolizar a vida como algo imediato e sem camadas filosóficas. A moça não precisa entender sua existência, ela simplesmente é. A "glóriazinha" em viver está justamente nesse sentido de que ela não se questiona sobre a razão ou a lógica de sua vida, o que lhe dá uma tranquilidade que o sujeito filosófico, por sua vez, nunca alcançaria, pois está sempre em busca de significado.

A moça de Clarice Lispector representa uma forma de existência que foge ao modelo do sujeito filosófico, ou seja, alguém que questiona a si mesmo, sua vida e sua morte. Ela vive sem angústia, sem a necessidade de um sentido maior. Esse contraste entre a moça e o sujeito filosófico nos faz refletir sobre a natureza do ser humano: será que é possível viver de forma plena e "sem problemas" sem questionar a própria existência? Ou será que a verdadeira vivência está justamente no questionamento constante, como propõem as correntes filosóficas? A comparação entre esses dois modos de existência é um ponto central da reflexão que Clarice provoca.

É válido considerar que o estudo acerca do sujeito que Clarice nos apresenta possui inúmeras abordagens pois a investigação filosófica sobre o sujeito é uma das questões mais profundas e duradouras da filosofia, Platão e Aristóteles, filósofos do século IV já pensavam o *Eu* e como ele se constituía. Clarice em sua narrativa transita nas questões existenciais inerentes ao sujeito, como o pensamento, a morte etc.

Jean-Paul Sartre, em *O ser e o nada* (1943), defende que o ser humano é condenado à liberdade. Em termos existencialistas, isso significa que o ser humano não possui uma natureza fixa, mas constrói-se continuamente por meio de suas escolhas. Contudo, Macabéa não parece realizar escolhas genuínas. Sua vida é marcada por uma obediência inercial, por gestos automáticos, por uma submissão quase infantil aos acontecimentos, desde pequena Macabéa

obedecia por submissão: “Quando era pequena tivera vontade intensa de criar um bicho. Mas a tia achava que ter um bicho era mais uma boca para comer. Então a menina inventou que só lhe cabia criar pulgas pois não merecia o amor de um cão.” (Lispector, 1977, p. 29).

Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo* (1949), complementa essa visão ao afirmar que “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Em Macabéa, observamos o fracasso dessa construção: ela não chega a se tornar nada de pleno. Sua condição feminina é marcada por uma ausência de agência, de erotismo, de pertencimento. Ela é uma mulher que não se reconhece enquanto tal, ocupando um lugar social e simbólico de pura passividade, é reduzida por Rodrigo S. M. a apenas “uma nordestina amarela”.

— Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer. Me desculpe se eu lhe ofendi, mas sou sincero. Você está ofendida?

— Não, não, não! Ah por favor quero ir embora! Por favor me diga logo adeus! (Lispector, 1977, p. 60)

Essa passagem ilustra de maneira pungente a marginalização simbólica e afetiva da personagem Macabéa, expressa por meio da violência verbal direta e desumanizante. A fala de Olímpico de Jesus, “você, Macabéa, é um cabelo na sopa”, traz uma metáfora fortemente pejorativa, na qual a existência da protagonista é reduzida à ideia de incômodo, de algo indesejado, descartável. O uso da expressão é um exemplo claro de despersonalização, na medida em que retira de Macabéa qualquer dignidade ou valor subjetivo, transformando-a em objeto repulsivo.

Sob essa perspectiva acadêmica, esse trecho pode ser analisado à luz dos estudos sobre o sujeito subalterno e a exclusão social, particularmente dentro de uma crítica à estrutura patriarcal e classista da sociedade brasileira. Macabéa, nordestina, pobre e sem instrução formal, representa a figura do “sujeito invisível”, cuja existência é constantemente desvalorizada ou ignorada, não apenas socialmente, mas também no plano afetivo e simbólico.

Ao responder “Não, não, não! Ah por favor quero ir embora!”, Macabéa reafirma sua posição submissa, internalizando sua exclusão e recusando-se até mesmo a reivindicar um direito básico de dignidade diante da ofensa. Sua reação é marcada por uma tentativa de fuga, não de enfrentamento, o que revela sua condição de passividade extrema, moldada por um sistema de opressões que a fez acreditar que não tem valor, nem voz.

Essa interação entre Macabéa e Olímpico de Jesus também pode ser interpretada à luz da filosofia existencialista, especialmente a partir da noção de má-fé em Sartre. Olímpico nega a responsabilidade afetiva por seus atos ao dizer “me desculpe se eu lhe ofendi, mas sou sincero”,

tentando justificar sua crueldade como honestidade, quando, na verdade, está exercendo poder simbólico sobre alguém vulnerável. Macabéa, por sua vez, vive sua existência como alguém que não se reconhece como sujeito de direito, o que amplia ainda mais o abismo entre o sujeito que domina e o sujeito dominado.

Assim, este trecho sintetiza, em poucos diálogos, a tensão central do romance: o conflito entre o desejo de existir, de ser reconhecida, e a experiência constante de ser reduzida à insignificância. A figura de Macabéa, enquanto "cabelo na sopa", é emblemática de um sujeito que, mesmo tentando afirmar sua existência, é constantemente silenciado pela lógica opressiva da sociedade. Essa imagem grotesca e cotidiana da rejeição sintetiza, com crueza, o modo como Clarice Lispector constrói, pela linguagem, uma crítica contundente à desumanização do outro e à indiferença social diante do sofrimento alheio.

Seu corpo não é desejado, sua voz não é escutada, e sua morte não é notada — tudo isso denuncia o que Beauvoir chamaria de sujeição radical da mulher.

Michel Foucault, especialmente em obras como *Vigiar e punir* (1975) e *A Arqueologia do saber* (1969), propõe uma crítica à ideia de sujeito como unidade autônoma. Para ele, o sujeito é efeito de relações de poder e de discursos históricos. Macabéa é produto de uma série de dispositivos: a migração, o trabalho precarizado, a mídia de massa, o discurso religioso. Seu “eu” não é uma essência, mas um ponto de condensação das violências simbólicas que atravessam seu corpo e sua vida. Foucault afirmaria que Macabéa é constituída por aquilo que a exclui: o saber médico (no episódio do médico, quando este lhe diz: “Sabe de uma coisa? Vá para os raios que te partam!” p. 68), o saber social (que a define como “invisível”), e o saber econômico (que a transforma em mão de obra barata). Sua subjetividade não é construída de dentro para fora, mas imposta de fora para dentro, por meio de normas que a colocam fora da norma.

A exclusão estrutural vivenciada por Macabéa em *A hora da estrela*, tem raízes profundas em fatores históricos, sociais e econômicos que conformam a realidade brasileira. Essa exclusão não é resultado de escolhas individuais da personagem, mas de um sistema social que marginaliza sujeitos pertencentes a determinadas classes, regiões e identidades. Macabéa é uma mulher nordestina, pobre, subempregada, sem instrução formal e desprovida de capital cultural e simbólico, características que a colocam em uma posição de vulnerabilidade estrutural dentro da lógica social hegemônica.

A personagem encarna o sujeito subalternizado pela interseção de múltiplas opressões: de classe, gênero, origem regional e escolaridade. No caso de Macabéa, sua condição de

subalternidade é reforçada por uma sociedade que naturaliza a desigualdade e invisibiliza as camadas populares.

O fenômeno da migração nordestina para os grandes centros urbanos, especialmente no século XX, é um fator histórico relevante para compreender essa exclusão. Ao sair de Alagoas e migrar para o Rio de Janeiro, Macabéa reproduz o movimento de milhares de trabalhadores nordestinos em busca de melhores condições de vida, mas, como muitos, encontra apenas precarização, exploração e desumanização. Esse deslocamento revela uma dinâmica centro-periferia dentro do próprio país, em que o Nordeste é frequentemente associado ao atraso e à pobreza, enquanto o Sudeste ocupa o lugar do desenvolvimento e da centralidade política e econômica.

Além disso, a condição de mulher pobre no contexto urbano a impede de acessar qualquer forma de mobilidade social. As relações de gênero, tal como evidenciado no romance, também contribuem para sua exclusão, pois ela é constantemente objetificada, desrespeitada e emocionalmente violentada, como exemplificado no relacionamento com Olímpico de Jesus. A estrutura patriarcal atua como mais um dispositivo de opressão, cerceando sua autonomia e reforçando sua inferioridade simbólica.

A invisibilidade de Macabéa, portanto, é construída por uma ordem social que a condena à insignificância desde antes de seu nascimento. Sua existência é marcada por uma ausência de expectativas, de sonhos, de linguagem própria. Como nos mostra Clarice Lispector, essa exclusão é tão profunda que se torna existencial: Macabéa não apenas é excluída do espaço social, mas também da própria experiência de si como sujeito.

Em síntese, a exclusão estrutural que recai sobre Macabéa é produto de um sistema social que perpetua desigualdades históricas e institucionais, fundadas em uma lógica capitalista, patriarcal e colonial. Clarice, ao dar voz a essa figura marginal, constrói uma narrativa de denúncia silenciosa — revelando a face desumana de uma sociedade que, ao excluir, também nega a possibilidade de existência plena a milhares de "Macabéas" reais.

Judith Butler, em *Problemas de gênero* (2015), introduz a noção de performatividade de gênero: o gênero não é uma essência, mas uma repetição de atos regulados socialmente. No caso de Macabéa, vemos o que acontece quando essa repetição falha ou é interrompida. Ela não corresponde aos modelos hegemônicos de feminilidade: não é o que socialmente se considera como bela, sensual ou maternal. Sua identidade feminina é falha não por escolha, mas por exclusão estrutural. Nesse sentido, sua existência é uma espécie de “falha performativa”, que evidencia os limites das normas de gênero, embora Butler posicione-se ao sujeito da seguinte forma:

A posição feminista humanista compreenderia o gênero como um atributo da pessoa, caracterizada essencialmente como uma substância ou um “núcleo” de gênero preestabelecido, denominado pessoa, que denota uma capacidade universal de razão, moral, deliberação moral ou linguagem. Como ponto de partida de uma teoria social do gênero, entretanto, a concepção universal da pessoa é deslocada pelas posições históricas ou antropológicas que compreendem o gênero como uma relação entre sujeitos socialmente constituídos, em contextos especificáveis. Este ponto de vista relacional ou contextual sugere que o que a pessoa “é” — e a rigor, o que o gênero “é” — refere-se sempre às relações construídas em que ela é determinada. (Butler, 2015, p. 26)

Butler também discute a precariedade como dimensão constitutiva da vida. Macabéa vive em estado de precariedade extrema: sua vida não é considerada passível de luto ou de valorização. Quando morre, o mundo não reage. Isso mostra, como diria Butler, que certas vidas são vividas fora do campo do reconhecimento e, por isso, são vidas que mal contam como vidas.

Em Macabéa, essa crítica encontra um eco: ela vive sem projeto, sem desejo próprio, sem aspiração. Sua única fantasia é tornar-se famosa como a popular atriz hollywoodiana da época Marilyn Monroe: “No banheiro da firma pintou a boca e até fora dos contornos para que seus lábios finos tivessem aquela coisa esquisita dos lábios Marylin Monroe” (Lispector 1977, p. 62) — um sonho implantado pela cultura de massa.

A morte de Macabéa, embora trágica, é apresentada com um tom irônico e ambíguo pelo narrador. Seria essa morte, paradoxalmente, a sua única afirmação? Um instante de estrela? Ou apenas mais uma prova de que sua existência foi completamente absorvida pelo nada?

[...] Viver é luxo.

Pronto, passou.

Morta, os sinos badalavam mas sem que seus bronzes lhes dessem som. Agora entendo esta história. Ela é a iminência que há nos sinos que quase-quase badalam.

A grandeza de cada um.

Silêncio (Lispector, 1977, p. 86).

A morte de Macabéa, como expressa nesse trecho, é carregada de uma potência simbólica que transcende sua aparente insignificância social. O enunciado “[...] Viver é luxo” sintetiza, de forma crua e poética, a experiência de uma vida marcada pela ausência de afeto, de reconhecimento, de pertencimento. Em uma sociedade estruturada por profundas desigualdades, a existência de Macabéa não é apenas precária: é um luxo negado a muitos. Sua morte, portanto, não é apenas o fim de sua trajetória individual, mas a confirmação da lógica excludente que nega o direito à vida plena a sujeitos como ela.

O trecho aponta também para uma ambiguidade existencial e quase metafísica. A imagem dos “sinos que badalavam mas sem que seus bronzes lhes dessem som” cria uma metáfora poderosa da invisibilidade e da ausência de ressonância social da vida de Macabéa. Mesmo morta, ela não provoca comoção, o som dos sinos não ecoa no mundo, sua morte não altera nada à sua volta. É o símbolo de uma existência que, embora real, nunca alcançou reconhecimento. A morte de Macabéa faz referência ao trecho da canção de Chico Buarque, Construção (1971): “morreu na contramão atrapalhando o tráfego”. A metáfora remete à “iminência”, àquilo que quase acontece, mas que permanece suspenso, não realizado: a vida de Macabéa foi uma quase existência, uma vida não plenamente vivida ou percebida.

Ao dizer “agora entendo esta história”, o narrador (Rodrigo S. M.) sugere uma tomada de consciência tardia, um reconhecimento da grandeza silenciosa de Macabéa. O termo “grandeza” aqui não se refere à glória ou à heroicidade convencional, mas a uma espécie de dignidade trágica, discreta, que reside justamente na resistência de ter existido, mesmo quando tudo lhe negava sentido. A “iminência” dos sinos pode ser lida como a iminência de uma existência que clamava por ser notada, por significar, por ecoar, mas que terminou em silêncio.

Esse silêncio final tem valor estético e filosófico: ele denuncia a brutalidade de uma estrutura que não apenas marginaliza, mas também silencia. A morte de Macabéa não é narrada com dramatismo, mas com uma contenção que acentua o absurdo da sua condição. É como se a morte fosse, paradoxalmente, o momento de maior revelação — o instante em que se reconhece que sua vida, por mais apagada que tenha sido, carregava uma verdade essencial: a de que existir, ainda que sem sentido, é por si só um ato de resistência.

Assim, a morte de Macabéa não representa apenas o fim de sua história, mas a revelação do que Clarice Lispector parece querer denunciar: a desumanização sistemática de corpos pobres, femininos, nordestinos, cuja vida e morte não reverberam na ordem social. O silêncio dos sinos é, nesse contexto, a denúncia mais eloquente.

A hora da estrela é uma obra que desmonta a ideia de sujeito como unidade racional, consciente e autônoma. Lispector, ao construir uma protagonista que encarna a ausência de voz, de projeto e de reconhecimento, antecipa e dialoga com diversas correntes filosóficas que questionam os fundamentos da subjetividade.

Macabéa não é um “não-sujeito”, mas um sujeito em ruínas — efeito de forças históricas, sociais e discursivas que a silenciaram sua vida inteira. Sua vida ilumina a face sombria da modernidade: aquela em que a promessa de autonomia se transforma em exclusão, e a ideia de sujeito, em privilégio de poucos.

2.4 “Macabéa me matou”: Rodrigo S. M. e a subjetividade e desafios de um escritor-narrador

O romance *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector, apresenta um narrador profundamente autoconsciente de sua condição de escritor e de sua crise subjetiva. Rodrigo S. M., personagem-narrador da obra, encarna a angústia do fazer literário em um contexto de instabilidade interior e de descompasso entre linguagem e realidade. Em sua introdução, que como o próprio sugere, parece uma forma de adiar esta história que nem ele próprio parece entender, ao menos não até seu final, ele aborda como esse livro é escrito além das palavras, visto que estas não parecem suficiente para contar tão complexa história:

As palavras são sons transfundidos de sombras que se entrecruzam desiguais, estalactites, renda, música transfigurada de órgão. Mal ousa clamar palavras a essa rede vibrante e rica, mórbida e obscura tendo como contratomo o baixo grosso da dor. Alegro com brio. Tentarei tirar ouro do carvão. Sei que estou adiando a história e que brinco de bola sem bola. O fato é um ato? Juro que este livro é feito sem palavras. É uma fotografia muda. Este livro é um silêncio. Este livro é uma pergunta (Lispector, 1977, p. 17).

Nesse sentido, a narrativa de Clarice não apenas conta a história de Macabéa, uma jovem nordestina miserável tentando a vida no Rio de Janeiro, mas também revela o drama existencial do próprio narrador, cujos desafios envolvem não só a representação da alteridade como também a construção de si mesmo enquanto sujeito literário.

Desde as primeiras páginas, Rodrigo S. M. se apresenta de forma fragmentária, em tom quase confessional. “Sou um monstro” (Lispector, 1977, p. 15) declara o narrador, anunciando que sua escrita será marcada pela dúvida, pela incerteza e pela hesitação. Esse ponto de partida já introduz um dos principais aspectos da subjetividade do personagem: sua consciência dilacerada pela dificuldade de narrar. Escrever é, para ele, uma tarefa quase impossível, pois exige enfrentar a “matéria-prima da vida” — ou seja, a realidade crua, sem artifícios: “Pretendo, como já insinuei, escrever de modo cada vez mais simples. Aliás o material de que disponho é parco e singelo demais [...]”. (Lispector, 1977, p. 14).

A fragmentação e o questionamento do próprio ato de narrar evidenciam o esforço de metalinguagem presente na obra, característica recorrente na literatura de Lispector. Rodrigo S. M. constantemente quebra a ilusão ficcional ao refletir sobre seu papel como autor e sobre a artificialidade do texto literário: “Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever.” (Lispector, 1977, p. 11).

Outro aspecto essencial da subjetividade do narrador é sua relação ambígua com a personagem Macabéa. Rodrigo S. M. afirma que quer dar voz àquela que não tem voz, ser um canal para a existência de alguém ignorado pela sociedade. No entanto, essa tentativa de empatia esbarra na própria limitação de sua linguagem e em uma consciência de classe que o distancia da figura de sua protagonista: “A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim” (Lispector, 1977, p. 19). A frase revela uma crítica implícita à dificuldade de representação do outro quando se parte de um lugar privilegiado. O narrador, por mais que tente, não consegue falar por Macabéa sem que sua própria subjetividade interfira.

Os desafios do escritor-narrador se intensificam na medida em que ele se dá conta de que qualquer tentativa de narrar a vida de Macabéa é também uma tentativa de lidar com sua própria crise existencial. A personagem, com sua aparente ausência de interioridade, funciona como um espelho invertido do narrador, que, ao tentar compreendê-la, confronta o vazio de sua própria condição: “Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. [...] O seu viver é ralo.” (Lispector, 1977, p. 23). O contraste entre a ignorância existencial da personagem e a hiperconsciência do narrador aprofunda a tensão subjetiva da narrativa.

Em suma, Rodrigo S. M. representa uma figura de escritor em crise, que vive a angústia do narrar como processo de construção de si e do outro. A subjetividade do narrador é marcada por contradições, por uma busca ética e estética de dar sentido à vida através da literatura, mesmo que essa tentativa esteja fadada ao fracasso. *A hora da estrela*, portanto, não é apenas a história de Macabéa, mas também — e talvez principalmente — a narrativa da desintegração e da exposição de um sujeito narrador que, ao escrever, revela a si mesmo.

2.5 “Uma coisa delicada”: a identidade em *A hora da estrela*

Em *A hora da estrela*, Macabéa é estrangeira, vem de Alagoas ao Rio de Janeiro, e ocupa um espaço de subserviência por não fazer parte daquele cenário proposto a ela, de cidade grande. A vida para a personagem, sua existência era estrangeira, estranha, não existia, como podemos perceber em neste trecho:

Tinha o que se chama de vida interior e não sabia que tinha. Vivia de si mesma como se comesse as próprias entranhas. Quando ia ao trabalho parecia uma doida mansa porque ao correr do ônibus devaneava em altos e deslumbrantes sonhos. Estes sonhos, de tanta interioridade, eram vazios porque lhes faltava o núcleo essencial de uma prévia experiência de êxtase, digamos (Lispector, 1977, p. 38).

A introspecção, característica central da obra de Clarice, aqui atinge tal nível com Macabéa que é considerada “canibalista”, afinal, em um mundo no qual ela é excluída em todas as esferas, nada lhe resta senão se voltar a si mesma e a sonhos que ela não tem a menor condição, ou mesmo interesse, de conquistar. Esse traço marcante da escrita de Clarice atinge uma forma radical na figura da protagonista, personagem cuja interioridade não se traduz em autoconhecimento, mas em uma espécie de esvaziamento existencial. A afirmação de que essa introspecção se torna “canibalista” revela uma dimensão profunda e paradoxal: Macabéa, privada de reconhecimento externo — social, afetivo, simbólico — é forçada a se voltar para dentro de si mesma, mas esse movimento não resulta em emancipação ou fortalecimento subjetivo; ao contrário, torna-se um processo de autoconsumo, de apagamento.

Nesse contexto, o termo “canibalista” não deve ser interpretado em sentido literal ou antropofágico culturalmente positivo (como no modernismo brasileiro), mas como uma metáfora para a autoabsorção solitária e desesperada. Sem acesso aos espaços de validação social (educação, trabalho digno, laços afetivos saudáveis, pertencimento cultural), Macabéa não tem outro lugar onde existir senão em uma interioridade estreita, moldada pela opressão e pela insignificância imposta. Sua introspecção não é deliberada nem reflexiva: ela é compulsória, determinada pela ausência de mundo externo que a reconheça como sujeito.

O que se observa, então, é que essa introspecção não gera um “eu” fortalecido ou elaborado, como ocorre com outras personagens clariceanas mais complexas (como G. H. ou Joana em *Perto do coração selvagem*), mas sim um “eu” em suspensão, frágil, quase inexistente. Macabéa não se entende como um ser digno de desejos autênticos ou metas concretas. Seus sonhos são difusos, vagos, como a ideia de ser “estrela de cinema”, mas eles não se configuram como projetos viáveis nem como utopias engajadas. Ao contrário, são mais um reflexo da cultura de massas e de um ideal de felicidade imposto do que expressões subjetivas genuínas. A própria personagem não demonstra interesse ativo por conquistá-los, ela apenas repete, quase mecanicamente, aquilo que imagina que se espera dela.

Dessa forma, pode-se afirmar que a introspecção de Macabéa é canibalista porque consome o pouco que ela tem de subjetividade sem devolver-lhe sentido ou potência. Ela vive dentro de si como se vivesse em uma cela, um espaço interno onde o mundo exterior não chega, mas de onde ela também não consegue sair. É um retraimento compulsório, uma forma de sobrevivência silenciosa, que termina por implodir em sua morte, narrada de forma abrupta e simbólica. A morte, aliás, aparece como o único acontecimento capaz de dar algum tipo de transcendência, ainda que trágica, à sua existência banalizada.

Macabéa claramente não orbitava o que propõe uma vida comum, mas também não experimentava nenhuma outra, a existência de Macabéa revela muitas outras, vazias, nulas e sem perspectivas, no entanto, os aspectos subjetivos e sociais se diferem e se entrecruzam num movimento atroz.

Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade — para que mais que isso? O seu viver é ralo. Sim. [...] (Lispector, 1977, p. 23).

A protagonista, Macabéa, é uma jovem nordestina ingênua e invisível à sociedade, cuja existência parece se desenrolar sem significado, para ela ou para o mundo que a cerca, até seu trágico desfecho. A obra reflete sobre a construção da identidade e sobre como os indivíduos são moldados pelo olhar do outro, retoma-se aqui o conceito de alteridade.

O romance, através de uma narrativa que mescla o psicológico com o existencial, examina questões profundas sobre a identidade, a alienação e as desigualdades sociais, além de refletir sobre a condição da mulher na sociedade brasileira da época. O romance, ao tratar da situação da personagem principal, lança luz sobre o problema social da marginalização e da exclusão, evidenciando as desigualdades estruturais que afetam os indivíduos mais vulneráveis.

Macabéa é descrita de forma quase fantasmagórica, como se fosse uma figura invisível para os outros. Sua condição social e a falta de educação a colocam em um lugar de extrema vulnerabilidade. Desde o início do romance, a autora cria uma atmosfera de distanciamento, como se a própria Macabéa fosse um reflexo apagado do mundo ao seu redor, como é explícito em:

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será existe? (Lispector, 1977, p. 14).

Ela é uma jovem nordestina que, mesmo vivendo no Rio de Janeiro, nunca consegue se integrar completamente à sociedade carioca. Seu destino parece estar selado desde o momento em que nasceu, e suas aspirações são quase inexistentes, refletindo um processo de alienação do qual ela não consegue escapar, o narrador a reduz em seu lugar de origem, e atribui sua dignidade frágil apenas pelo fato de ter feito o curso de datilógrafa.

Ela que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até terceiro ano primário. Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra — a tia é que lhe dera um curso ralo de como bater à máquina. E a moça ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa (Lispector, 1977, p. 15).

A invisibilidade de Macabéa não é apenas um reflexo de sua condição pessoal, mas também da marginalização das classes mais baixas da sociedade brasileira. Ela pertence a uma classe trabalhadora subalterna, cuja voz raramente é ouvida, e sua trajetória é marcada por uma série de fracassos e desilusões. A personagem não é vista, sequer é lembrada pelos outros, a não ser quando se torna objeto de piedade ou de exploração.

O próprio narrador, Rodrigo S. M., reconhece que sua escrita sobre Macabéa é uma tentativa de dar a ela uma voz, de fazê-la ter "uma hora de estrela", o que por si só demonstra mais um problema social, uma vez que é necessária intervenção externa para que essas pessoas marginalizadas tenham direito a serem ouvidas. E mesmo essa voz ainda permanece submersa na fragilidade e no anonimato.

De uma coisa tenho certeza: essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva quanto eu. Cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua, andando de leve por causa da esvoaçada magreza (Lispector, 1977, p. 19).

Clarice, através de Rodrigo S. M., explora a mente de Macabéa e do próprio narrador de maneira fragmentada, revelando seus pensamentos, dúvidas e desejos de forma intercalada e não linear. Esse estilo confere ao romance uma qualidade introspectiva, tornando a leitura mais desafiadora, mas também mais rica e reveladora. A complexidade contraditória da existência de Macabéa faz Rodrigo S. M. se cansar: “o definível está me cansando [...] Eu não inventei essa moça. Ela forçou dentro de mim a sua existência [...]” (Lispector, 1977, p. 30).

A hora da estrela (1977) é também uma obra que toca profundamente em temas como a morte e a condição humana. A personagem principal vive uma vida simples, sem grandes acontecimentos ou expectativas, mas sua morte precoce é algo antecipado ao longo de toda a narrativa. Clarice Lispector utiliza a morte de Macabéa como uma metáfora para a morte existencial que caracteriza a vida de muitos indivíduos, uma morte que não é apenas física, mas também psicológica e emocional:

Via-se perfeitamente que estava viva pelo piscar constante dos olhos grandes, pelo peito magro que se levantava e abaixava em respiração talvez difícil. Mas

quem sabe se ela não estaria precisando de morrer? Pois há momentos em que a pessoa está precisando de uma pequena mortezinha e sem nem ao menos saber. Quanto a mim, substituo o ato da morte por um seu símbolo. Símbolo este que pode se resumir num profundo beijo mas não na parede áspera e sim boca a boca na agonia do prazer que é morte. Eu que simbolicamente morro várias vezes só para experimentar a ressurreição (Lispector, 1977, p. 83).

A autora explora como a morte, muitas vezes invisível, é um fator determinante na vida das pessoas, especialmente para aqueles que, como Macabéa, são marginalizados e desprovidos de voz. A abordagem da morte em *A hora da estrela* (1977) reflete a obsessão de Lispector por questões existenciais e pela finitude humana. A morte de Macabéa, apesar de trágica, também é uma forma de libertação, um fim que traz, paradoxalmente, a possibilidade de um sentido maior para sua existência. Nunes (1973, p. 122) aponta que: “[...] a falta de sentido é a plenitude para as coisas, que se revelam ao descortínio silencioso [...]”. O romance, portanto, explora a ideia de que, na vida, muitas vezes é o próprio silêncio e a falta de sentido que definem a experiência humana.

2.6 “Ser uma mulher não parecia pertencer à sua vocação”: a subjetividade feminina em *A hora da estrela*

Como já abordado anteriormente, a feminilidade toma papel central em *A hora da estrela*, bem como na obra de Clarice de maneira geral, e é central para a forma como a subjetividade é aqui apresentada, tanto para a vida quanto para a morte de Macabéa. Sua morte, apresentada como um destino inevitável, que paira sobre Macabéa desde o início da narrativa. Para Rodrigo S. M., não é a vida de Macabéa que justifica sua história, mas sua morte: “Só não inicio pelo fim que justificaria o começo — como a morte parece dizer sobre a vida — porque preciso registrar os fatos antecedentes” (Lispector, 1977, p. 12).

A história é mais um pretexto para narrar sua morte, que ocorre de maneira abrupta e quase indiferente, é a culminação de uma vida que nunca teve um verdadeiro significado. A personagem, ao morrer, não deixa um legado ou uma marca significativa, o que reforça sua condição de invisibilidade. A morte, para ela, não é uma tragédia, mas uma libertação, uma interrupção de sua vida sem rumo.

A interioridade das personagens é exposta de maneira visceral, sem concessões ao sentimentalismo, mas com uma profundidade psicológica rara. Esse olhar para o íntimo, para as pequenas inquietações do dia a dia, transforma o ordinário em algo extraordinário e sublime. Quanto ao feminino, Roberto Corrêa (1991) enuncia que

a harmonia e a extrema potência — fossem esses os termos para designar o resultado do trabalho de Clarice — vêm do arranjo. Do arranjo desses estilhaços escriturais, que retornam sempre, renovados porque reditos. O circuito desse movimento de retorno, quase obsedante, por seu processo singular de rotação, dá existência à coisa a que — quando em nossas mãos e sob nosso olhar — chamamos de sua literatura. Ou, se quisermos, aquilo que permitiria iluminar a direção do que venha a ser nomeado como *força feminina* (Corrêa, 1991, p. 58-59).

Essa força feminina Clarice não fez questão de assumi-la, e eventualmente, como na conhecida entrevista à TV Cultura (1977), foi enfática ao dizer que não era uma profissional, e que preferia escrever sem compromisso para manter sua liberdade. De acordo com Benedito Nunes (1973),

Clarice Lispector acentua-se, com a sondagem interior descendo ‘ao nível microscópico onde a causalidade é minúscula e minuciosa’, um horizonte reflexivo e até especulativo de sondagem existencial. Toda uma temática de existência, a que não são estranhos os contos da autora publicados entre 1952 e 1971, projeta-se através das situações das personagens (Nunes, 1973, p. 103).

Essa perspectiva auxilia na compreensão da estrutura filosófica da obra e da fragmentação subjetiva da protagonista, em que existe uma valorização do apelo silencioso e dos momentos inenarráveis, por meio do personagem, como afirma Nunes (1973, p. 40) ao dizer que a voz da autora está “a serviço do personagem, [...] que fala dele e por ele, onde representa o drama agônico”.

A análise de suas obras, portanto, exige uma reflexão profunda sobre como Lispector aborda o conceito de subjetividade e identidade no contexto feminino, sem jamais reduzir suas personagens a estereótipos. Ao contrário, ela apresenta a(s) mulher(es) em sua totalidade, com suas fragilidades, desejos, traumas e momentos de transcendência. Para uma análise que estabelece essas relações, é necessário dialogar novamente com teorias feministas e psicanalíticas, tais como as propostas por Simone de Beauvoir (1949) e Julia Kristeva (2005). Só assim poderemos entender as nuances da construção do sujeito feminino na obra de Clarice.

Simone de Beauvoir, em sua obra *O segundo sexo* (1949), argumenta que a mulher, historicamente, foi definida em relação ao homem, o que resultou na sua construção como "o outro". Para Beauvoir, a liberdade feminina só seria conquistada com a superação desse lugar de alteridade. Por seu turno, ao longo de sua obra, Clarice Lispector aborda essa questão, porém de maneira intrínseca e matizada, apresentando mulheres que, em diferentes momentos da vida, tentam se libertar de uma sociedade patriarcal e das próprias expectativas que lhes são impostas. O conto *Amor*, do livro *Laços de família* (1960) evidencia o “torto destino de mulher” da

protagonista: “No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado.” (Lispector, 1960, p. 146).

Já na narrativa de *A hora da estrela* (1977), a personagem Macabéa surge como uma mulher que não tem consciência de sua opressão. Ela está perdida em sua própria vida, conforme suspeita o narrador, podendo esse aspecto representar uma alusão à invisibilidade feminina, marcada pela ausência de voz e de autonomia. Porém, mesmo assim, em seu texto, Clarice Lispector nos apresenta uma protagonista que, apesar da sua miséria existencial, carrega consigo uma espécie de resistência silenciosa ao opressor. Macabéa, em seu silêncio e no lugar que ocupa no mundo, simboliza o sujeito feminino que não encontrou ainda uma forma de se afirmar, mas cuja opressão é também uma parte constitutiva de sua experiência.

No romance, a incompletude do ser, a sensação de estarmos diante de uma existência nula e incurável permeia a leitura e se torna mais saliente nos momentos em que Macabéa é confrontada com o masculino, por exemplo, conforme ocorre no diálogo com seu namorado, Olímpico:

Ele: — Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!
 Ela: — Falar então de quê?
 Ele: — Por exemplo, de você.
 Ela: — Eu?!
 Ele: — Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.
 Ela: — Desculpe mas não acho que sou muito gente.
 Ele: — Mas todo mundo é gente, Meu Deus!
 Ela: — É que ainda não me habituei.
 Ele: — Não se habituou com quê?
 Ela: — Ah, não sei explicar (Lispector, 1977, p. 48).

No entanto, a opressão não é o único elemento que define as personagens femininas de Lispector. Se, por um lado, suas obras exploram as limitações impostas pela sociedade patriarcal, por outro, elas também apontam para as possibilidades de transcendência e autoafirmação que as mulheres podem alcançar. No romance *Perto do coração selvagem* (1944), a personagem Joana revela-se uma mulher que, ao contrário de Macabéa, busca a própria liberdade em meio à luta com seus sentimentos de angústia e desejo de autodescoberta.

O que pensar naquele instante? Ela estava tão pura e livre que poderia escolher e não sabia. Enxergava alguma coisa, mas não conseguiria dizê-la ou pensá-la sequer, tão diluída achava-se dizê-la ou pensá-la sequer, tão diluída achava-se a imagem na escuridão de seu corpo (Lispector, 1994, p. 195).

A mulher clariceana é constantemente desafiada a compreender-se e, ao mesmo tempo, a refletir sobre o que significa ser mulher em uma sociedade que tende a limitar suas ações e sentimentos. No conto *A imitação da rosa*, o espaço que a mulher ocupa confronta com que ela desejaria ocupar, o início ilustra o lugar de dona de casa à espera do marido, com a casa em ordem: “antes que Arnaldo voltasse do trabalho a casa deveria estar arrumada e ela própria já no vestido marrom para que pudesse atender o marido enquanto ele se vestia, e então saíam com calma, de braço dado como antigamente” (Lispector, 1960, p. 159).

Clarice, em muitos momentos de sua obra, parece abraçar essa ideia ao criar personagens cujas vozes não se conformam aos moldes estabelecidos pela sociedade. Suas personagens frequentemente se expressam de maneira fragmentada, num jogo de palavras que reflete a multiplicidade de sentidos e emoções que constituem a experiência feminina. A linguagem em Lispector, portanto, não é apenas um meio de comunicação, mas uma forma de resistência ao ordenamento patriarcal da sociedade. O ato de concatenar o seu texto permeia elementos essenciais ou, como disse Kristeva,

o texto não é um conjunto de enunciados gramaticais ou agramaticais; é aquilo que se deixa ler através da particularidade dessa conjunção de diferentes estratos da significância presente na língua, cuja memória ela desperta: a história (Kristeva, 2005, p. 20).

Além disso, Lispector frequentemente foge das narrativas tradicionais, deslocando o foco de suas personagens para o interior de suas próprias experiências subjetivas. A "fragilidade" das personagens femininas é, assim, algo que está ligado a um processo de autodescoberta e reinvenção. Esse movimento de introspecção é especialmente notável em obras como *A paixão segundo G. H.* (1964), em que a protagonista passa por uma transformação radical ao confrontar seus medos e desejos mais profundos. A reflexão sobre o corpo e a psicologia feminina se torna uma chave essencial para compreender a obra de Lispector, que propõe uma nova forma de olhar para a mulher: não como um ser passivo, mas como alguém capaz de transitar entre o racional e o irracional, o consciente e o inconsciente.

Com tudo isso, a escrita de Clarice Lispector oferece uma visão única sobre o sujeito feminino, que transcende os papéis tradicionais da mulher como mãe, esposa ou amante. As personagens de Lispector não são definidas apenas pelos papéis que ocupam na sociedade, mas pelas lutas constantes por suas próprias identidades, muitas vezes em confronto com as expectativas externas. A figura da mulher, para a escritora, é multifacetada e está longe de ser homogênea.

Ao descrever mulheres que tentam se afirmar no mundo, mas também se perdem em seus próprios dilemas existenciais, Lispector nos oferece um retrato da complexidade humana. Em *Água viva* (1973), por exemplo, a protagonista narra sua jornada interna de autodescoberta, questionando seu lugar no mundo, seus sentimentos e sua relação com o corpo. A subjetividade feminina, para Lispector, é uma experiência complexa e fluida, que não pode ser reduzida a um único arquétipo ou fórmula.

A condição de Macabéa também reflete o lugar da mulher na sociedade brasileira da década de 1970. O romance aborda questões de gênero de maneira profunda, colocando a protagonista em uma posição de subordinação tanto em relação ao homem quanto à estrutura social. Macabéa não é apenas uma mulher pobre, mas uma mulher pobre e sem perspectiva, cujas escolhas e ações são limitadas pelas normas sociais. Ela se vê presa a um ciclo de exploração e opressão, seja por seu chefe, seu namorado, ou pela sociedade em geral.

Quanto ao namorado Olímpico, que sequer parece a enxergar como mulher:

Olímpico na verdade não mostrava satisfação nenhuma em namorar Macabéa — é o que eu descubro agora. Olímpico talvez visse que Macabéa não tinha força de raça, era subproduto. Mas quando ele viu Glória, colega de Macabéa, sentiu logo que ela tinha classe (Lispector, 1977, p. 59).

Quanto ao chefe, o Sr. Raimundo, que indiretamente viabilizou a definição de sua classe social:

Outro retrato: nunca recebera presentes. Aliás não precisava de muita coisa. Mas um dia viu algo que por um leve instante cobiçou: um livro que Seu Raimundo, dado a literatura, deixara sobre a mesa. O título era *Humilhados e ofendidos*. Ficou pensativa. Talvez pela primeira vez se definido numa classe social (Lispector, 1977, p. 40).

Como se viu, ao mesmo tempo, Clarice Lispector, ao construir o universo interior de Macabéa, também aborda questões existenciais profundas, com um foco no vazio e na falta de sentido da vida da protagonista. A personagem vive uma existência marcada pela indiferença ao mundo, por uma desconexão com suas próprias emoções e desejos. Sua vida parece não ter um propósito claro, e isso a coloca em uma situação de constante sofrimento, sem que ela consiga compreender a razão de sua própria dor.

A obra se insere em uma tradição literária que explora o tema da existência humana, um tema que também pode ser encontrado em autores como Albert Camus (1942). Camus, em *O mito de Sísifo*, discute a ideia de que a vida humana é essencialmente absurda, e que o ser

humano, ao buscar um sentido para sua existência, se depara com a ausência de sentido. Assim como os personagens de Camus, Macabéa se vê diante do vazio existencial, mas, ao contrário de uma reação consciente e racional, ela aceita essa condição sem questioná-la profundamente, uma escolha que, por sua vez, revela a grande alienação e desesperança de sua vida, Rodrigo S. M., ao se comparar à sua protagonista, revela tal informação: “Quanto a ela, até mesmo de vez em quando ao receber o salário comprava uma rosa” (Lispector, 1977, p.32).

2.7 “Mulher nasce mulher desde o primeiro vagido”: a experiência feminina pelos olhos de Macabéa

O romance *A hora da estrela* é uma obra que parece querer ir além da mera história de uma mulher pobre e marginalizada. Clarice Lispector, com recurso a uma escrita introspectiva e ao mesmo tempo crítica, monta um retrato complexo da desigualdade social, das questões de gênero e da condição existencial do ser humano.

A obra, ao mesmo tempo que questiona as estruturas sociais, convida o leitor a refletir sobre a condição humana e as forças que moldam as vidas dos mais marginalizados. Ao contrário de muitos outros romances, a personagem feminina não é idealizada nem transformada em um símbolo de resistência ou empoderamento. Ela não é uma heroína convencional, nem possui as características de uma protagonista de uma narrativa tradicional. Macabéa é, na verdade, uma figura marginal, uma mulher comum e desprovida de grandes ambições. Sua vida, por mais que pareça ser uma metáfora do sofrimento, é marcada por uma indiferença existencial, que remete à condição de invisibilidade que muitas mulheres, especialmente as de classes sociais mais baixas, enfrentam.

É importante notar que a construção do sujeito feminino em *A hora da estrela* não se limita à experiência de Macabéa. O narrador da história, Rodrigo S. M., é um escritor que se apropria da vida de Macabéa para contar sua história. O narrador, que se coloca em uma posição de distanciamento e de controle sobre a personagem, é um homem que exerce poder sobre a vida da mulher, o que pode levar a uma reflexão sobre a objetificação feminina e a relação entre criador e criatura. A presença do narrador masculino é uma chave importante para entender as dinâmicas de gênero que estão em jogo na obra, pois ele nunca consegue se conectar verdadeiramente com Macabéa, apenas a observa de uma posição de superioridade intelectual e existencial.

Esse não-saber pode parecer ruim mas não é tanto porque ela sabia muita coisa assim como ninguém ensina cachorro a abanar o rabo e nem pessoa a sentir

fome; nasce-se e fica-se logo sabendo. Assim como ninguém lhe ensinaria um dia a morrer: na certa morreria um dia como se antes tivesse estudado de cor a representação do papel de estrela (Lispector, 1977, p. 29).

A relação entre narrador e personagem também pode ser lida como uma metáfora para a maneira como a mulher é frequentemente tratada como objeto ou como uma personagem secundária na história, sem ser reconhecida em sua totalidade como sujeito. Além disso, *A hora da estrela* (1977) também pode ser lida como uma crítica ao próprio conceito de subjetividade feminina. Em vez de seguir a linha de raciocínio que busca afirmar uma identidade clara para a mulher, Lispector propõe um estudo sobre as margens da existência e da identidade.

Macabéa não se torna uma heroína, nem é transformada por um processo de autoconhecimento ou de realização pessoal. Do ponto de vista marxista, Macabéa é o sujeito alienado por excelência: não tem consciência de classe nem uma visão clara do seu lugar no processo social. Ela apenas vive, levando adiante algumas determinações sócio-históricoculturais que lhe são impostas.

Ela é uma mulher à margem, à mercê de uma realidade que a desconsidera, mas que, paradoxalmente, a faz existir no romance. É essa condição de “não ser nada” que torna Macabéa um sujeito único, pois, em sua invisibilidade, ela revela uma das facetas mais duras da experiência feminina. No entanto, o narrador direciona-nos para uma “infelicidade de Macabéa: era sensual, pediu a Olímpico um retratinho 3x4, ela ficava tão excitada que rezava três painossos e duas ave-marias para se acalmar” (Lispector, 1977, p. 61). A religiosidade que a reprimia desde a criação de sua tia beata, que lhe batia na cabeça por puro prazer, vinha à tona nos seus desejos femininos.

A religiosidade é encaminhada também quando Macabéa vai à cartomante indicada pela colega de trabalho, Glória. A cartomante, muito receptiva apontou para um quadro de Jesus:

— Eu sou fã de Jesus. Sou doidinha por Ele. Ele sempre me ajudou. Olha, quando eu era mais moça tinha bastante categoria para levar vida fácil de mulher. E era fácil mesmo, graças a Deus. Depois, quando eu já não valia muito no mercado, Jesus sem mais nem menos arranjou um jeito de eu fazer sociedade com uma coleguinha e abrimos uma casa de mulheres. Aí eu ganhei dinheiro e pude comprar este apartamentozinho térreo. Larguei a casa das mulheres porque era difícil tomar conta de tantas moças que só faziam era querer me roubar. Você está interessada no que eu digo? (Lispector, 1977, p. 73).

Como já abordado anteriormente, é justamente essa linguagem introspectiva e fragmentada que permite que o leitor se aproxime da mente da personagem, ainda que de maneira desordenada. A técnica da narração em terceira pessoa, aliada à quebra da linearidade da narrativa, também contribui para um sentimento de distanciamento, fazendo com que a personagem de Macabéa seja tanto desvelada quanto mantida a uma certa distância. Esse distanciamento, por sua vez, reflete a maneira como a sociedade trata as mulheres marginalizadas: há um conhecimento superficial sobre elas, mas um desinteresse real por sua subjetividade e suas experiências mais profundas.

Em suma, sob esse prisma, a narrativa é uma reflexão crítica sobre o sujeito feminino, que ao mesmo tempo que questiona os padrões de feminilidade, também expõe as dificuldades e as ambiguidades que permeiam a experiência da mulher. Através de Macabéa, Clarice Lispector nos provoca a repensar não apenas a posição da mulher na sociedade, mas também as limitações da literatura e da linguagem na tentativa de representar a complexidade do ser feminino.

Em suma, a trajetória de Macabéa revela uma condição de extrema marginalização social e simbólica, na qual a introspecção, característica central da escrita de Clarice Lispector, não opera como caminho para o autoconhecimento ou para a construção de uma subjetividade afirmativa, mas como reflexo de um vazio existencial imposto por estruturas de exclusão. Macabéa é uma figura que sobrevive à margem de todos os discursos legitimadores e, nesse contexto, seu mundo interior se torna um espaço de silêncio, apagamento e, paradoxalmente, resistência mínima.

Essa análise nos permite transitar, no próximo capítulo, para uma discussão mais aprofundada sobre a constituição da subjetividade em *A hora da estrela*. A partir da figura de Macabéa e da própria voz narrativa de Rodrigo S. M., será possível refletir sobre os modos como o sujeito é construído ou fragmentado no romance, considerando os limites entre identidade, alteridade e linguagem. Trata-se, portanto, de investigar como a subjetividade, em Clarice Lispector, se configura como campo de tensão entre invisibilidade social e interioridade literária.

CAPÍTULO 3
A SUBJETIVIDADE EM *A HORA DA ESTRELA*

*Um buraco pode ter tanto significado enquanto
forma como uma massa sólida.*

Henry Moore

3.1 “E se for triste a minha narrativa? Depois na certa escreverei algo alegre”: *A hora da estrela* e os sujeitos-narradores

A relação estabelecida entre sujeito e narrador no texto literário revela a possibilidade de analisar a construção do sujeito que se indaga, que se perde, que morre e ressurgue; perfis esses que compõem a descrição das personagens de Clarice. Sobre a especulação da relação de sujeito-narrador, Benedito Nunes (1973, p. 40) conclui:

Essas interrogações pontuam o comentário reflexivo que interioriza a matéria narrativa do texto, valorizando, inclusive, o apelo silencioso das coisas e os momentos inenarráveis. Mas pelo comentário que interpreta a experiência narrada, o sujeito narrador, continuamente presente, também a si mesmo interpreta. A serviço do personagem, a sua voz, que fala dele e por ele. Alça-se do espaço comum da narrativa, convertido num espaço agônico, onde se representa o drama da linguagem e da expressão, e que ambos ocupam.

Em outras palavras, o sujeito-narrador acaba narrando também a si mesmo enquanto narra as histórias de suas personagens, como podemos observar em *A hora da estrela* (1977), ao narrar sobre Macabéa, Rodrigo S. M. acaba revelando muito sobre si mesmo, ele interpreta a si mesmo, tanto para si quanto para o leitor, enquanto tenta interpretar sua protagonista, suas ações e o mundo que a cerca, mundo este que é quase tão estranho para si quanto parece ser a Macabéa, que, diferente daquele que a narra, já parece estar acostumada.

É possível constatar que a evidência dos traços presentes na construção do narrador revela a própria Clarice Lispector, não a escritora, mas o sujeito que ali reside, com todas as suas ânsias, muitas delas indizíveis, ditas por outras palavras na tentativa de alcançar o âmago da coisa, o delírio que a palavra exerce é justamente o que comprova as questões humanas presentes na obra. Na tentativa de ocultar-se através de um narrador do sexo masculino abre margens para diversas indagações.

O recurso literário por meio da linguagem utilizado por Clarice cria uma relação de intimidade com os personagens, narrador, autora e leitor, todos fazem parte da própria ação romanesca como aponta Benedito Nunes (1973, p. 41): “o autor se torna ator por desdobramento dramático”. As marcas da autoria também revelam a vulnerabilidade do sujeito que se alimenta dos acontecimentos e, no entanto, padece ao encarar a própria existência.

Em *A hora da estrela*, Macabéa, a protagonista assume o papel do sujeito-narrador, tanto quanto o próprio Rodrigo S. M., através de uma existência medíocre, marginalizada pela própria vida, demonstrando a dualidade do sujeito descentrado, deslocado, ora inocente, ora perverso. Nunes (1973) classifica tal movimento como variações extremas: o irônico e o cômico no discurso narrativo.

Já Antonio Candido (1944), ao se debruçar sobre a obra de Clarice Lispector, destacou a forma inovadora com que a autora concebia suas personagens. Em 1944, redigiu uma crítica sobre a estreia da autora e assumiu o risco de afirmar que “[...] mesmo na craveira ordinária dos talentos, há quem procure, uma via mais acentuadamente sua, preferindo o risco da aposta à comodidade do ramerrão” (Coluna publicada em 16/07/1944). Para Candido (2000), Clarice Lispector não apenas inovou na construção de suas personagens, mas também na maneira como manipulou a linguagem. A autora transforma a linguagem em um “instrumento de desordem”, capaz de criar um universo onde a lógica e a ordem narrativa são desafiadas, refletindo essas mesmas variações classificadas posteriormente por Nunes (1973).

3.2 “Tristeza também era coisa de rico”: a marginalização do sujeito em *A hora da estrela*

Conforme vimos dizendo, paralelamente à sua ressonância existencial, de abordagem de um sujeito ora feminino, ora neutro (ou inominável) que, sob muitos aspectos, escapa às possibilidades apreensão do discurso narrativo, é intrínseca a relação da narrativa da obra *A hora da estrela* (1977) com o problema social. Assim como em outras obras, Clarice, em *A hora da estrela*, representou por meio da literatura a vida de sujeitos marginalizados, não somente a de Macabéa, protagonista desse seu último trabalho publicado, mas de diversas outras personagens. Vale lembrar a preocupação da autora com a figura de Mineirinho, retratado no conto homônimo de 1962, que narra a trágica morte de um ladrão que foi massacrado pela polícia com treze tiros (aos quais Clarice Lispector se referiu em sua famosa entrevista para a TV Cultura).

O fator social é recorrente para travar reflexões sobre o cenário em que se encontram e o motivo dos desdobramentos da vida de seus personagens. De modo geral, para Antonio Candido (2006), a questão do social em relação à arte pode ser entendida de duas maneiras:

[...] depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e

independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte (Candido, 2006, p. 30).

Naquilo que se refere aos fatores do meio, em *A hora da estrela* (1977), o cenário e as condições em que Macabéa vive evidenciam uma escolha da autora por demonstrar a precariedade e insalubridade vividas por uma jovem nordestina que sai de seu estado, onde fora criada pela tia, e chega no Rio de Janeiro para trabalhar como datilógrafa, alimentando-se apenas de cachorro-quente e dividindo um quarto com outras mulheres, além de todas as outras circunstâncias que em alguma medida marginalizam a existência de Macabéa. O efeito prático elaborado por Candido (2006) parte do pressuposto do alcance do público leitor, uma vez compadecido com as condições vividas por Macabéa e que retratam a maioria das existências.

O contexto social que permeia a narrativa de Clarice não se limita em apenas uma exploração de fatos ou simples denúncia, a problemática se estende em vários aspectos, como a constituição do eu, de entender “quem eu sou”, latente na construção da personagem de Macabéa. Talvez a necessidade de pedir à colega de trabalho uma aspirina toda vez que se doía não era devido a apenas uma dor de cabeça, mas a um mal estar do mundo, que, como ela mesma dizia, a fazia se doer toda o tempo todo.

— Por que é que você me pede tanta aspirina? Não estou reclamando, embora isso custe dinheiro.

— É para eu não me doer.

— Como é que é? Hein? Você se dói?

— Eu me dôo o tempo todo.

— Aonde?

— Dentro, não sei explicar

(Lispector, 1977, p. 63).

O caráter social que permeia a obra é visto como fator formativo da obra artística na crítica literária de Antonio Candido (2006). Nesse aspecto, os elementos e recursos utilizados por Clarice ganham relevância, pois confrontam uma sociedade pautada na segregação e na desigualdade social, consequentemente alvo para pensar o sujeito que anseia por pertencimento, não só da palavra, mas do meio em que transita.

Tentarei tirar ouro do carvão. Sei que estou adiando a história e que brinco de bola sem a bola. O fato é um ato? Juro que este livro é feito sem palavras. É uma fotografia muda. Este livro é um silêncio. Este livro é uma pergunta (Lispector, 1977, p. 17).

Esse papel de narrador onisciente de Rodrigo S. M. revela uma relação entre este e sua protagonista, Macabéa, refletida na narrativa através de um jogo metalinguístico no qual o narrador tenta dar voz à protagonista, ao mesmo tempo em que reconhece suas próprias limitações como mediador da história. O narrador reflete sobre sua própria criação, questionando a responsabilidade de dar forma a uma vida que, à primeira vista, parece insignificante. No entanto, ao narrar, ele a torna eterna.

Quanto a esse narrador, Marcelo Diego (2019), observa que é “[...] ele mesmo uma personagem em seu teatro — uma vez que, ao contar a história de um narrador fictício que quer contar sua história, Clarice encena uma narração do mesmo modo que uma peça de teatro encena uma ação”. Isso reflete a autoconsciência da narrativa e a inquietação clariceana quanto ao ato de escrever, a necessidade de escrever a história de Macabéa trava uma encenação de uma trama estranha e ao mesmo tempo íntima.

A identidade de Macabéa é moldada pela exclusão social e pela falta de referências culturais e afetivas. Elementos como a pobreza, a ausência de um discurso próprio e a alienação diante da realidade são centrais para compreender sua condição existencial. Dissemos já que a protagonista, na sua fragilidade, nos ensina sobre a resistência silenciosa e o que significa existir em um mundo que não a vê. Assim, como um ser humano relegado ao esquecimento, sua história é, paradoxalmente, um grito de existência, “Tornava-se toda dramática e viver doía” (Lispector, 1977, p. 45), afirma o narrador sobre a protagonista.

Segundo Ligia Chiappini (1996), "Macabéa é a expressão mais bem-acabada do mal-acabado, do mal formado, do feio, do disforme". Essa visão ressalta como a personagem sintetiza a invisibilidade das classes marginalizadas e toca no tema da invisibilidade de nome, de registro civil, quando questionada ao dizer seu nome.

— Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem mas parece que deu certo. — Parou um instante retomando o fôlego perdido e acrescentou desanimada e com pudor: — Pois como o senhor vê eu vinguei... pois é... (Lispector, 1977, p. 43).

Para Corrêa (1991), “na literatura de Clarice quase não há Literatura. A narração dos fatos mostra-se quase em ruína, quase sempre rasurada pela interferência de uma expressão cuja materialidade se produz pelo movimento — pela pulsação — das palavras acumuladas umas sobre as outras, numa forma e numa ordem próximas às da espiral”. A partir disso, compreende-

se que a protagonista não é apenas vítima do contexto social, mas também uma metáfora da crise existencial:

Estou absolutamente cansado de literatura; só a mudez me faz companhia. Se ainda escrevo é porque nada mais tenho a fazer no mundo enquanto espero a morte. A procura da palavra no escuro. O pequeno sucesso me invade e me põe no olho da rua. Eu queria chafurdar no lodo, minha necessidade de baixeza eu mal controlo, a necessidade da orgia e do pior gozo absoluto. O pecado me atrai, o que é proibido me fascina. Quero ser porco e galinha e depois matá-los e beber-lhes o sangue. Penso no sexo de Macabéa, mípudo mas inesperadamente coberto de grossos e abundantes pelos negros — seu sexo era a única marca veemente de sua existência (Lispector, 1977, p. 70).

Nesta altura é possível dizer, então, que *A hora da estrela* demonstra como Clarice Lispector constrói uma narrativa profundamente filosófica e socialmente engajada, unindo existência e sociedade num todo inextricável. A trajetória de Macabéa, embora marcada pela invisibilidade, torna-se símbolo da condição humana em sua busca por significado. O romance nos provoca a pensar sobre o valor da vida, a complexidade da existência e o destino incerto que todos compartilhamos. Sob essa perspectiva, a obra permanece relevante para a compreensão das relações entre literatura, identidade e exclusão social no Brasil, ao mesmo tempo em que se dirá sem exagero que ressoa universalmente como um tratado filosófico sobre o ser e o nada, embora não pretenda ser senão um romance.

Olhada a partir da história e da cultura, Macabéa é um ser quase invisível, e essa invisibilidade é essencial para compreender sua subjetividade. Segundo Judith Butler (2017), a constituição do sujeito não ocorre de maneira isolada, mas dentro de um contexto de normas e poderes que regulam sua existência. No caso de Macabéa, sua subjetividade é moldada pela exclusão social e pela falta de discurso próprio. Ela não se reconhece como protagonista da própria vida, sendo levada pelas circunstâncias e pelas vozes externas que tentam defini-la. Rodrigo S. M. descreve sua existência: “[...] é que a vida lhe era tão insossa que nem pão velho sem manteiga [...]”

O narrador, Rodrigo S. M., apresenta Macabéa de forma distante e, por vezes, cruel, refletindo uma postura autorreflexiva sobre o poder da escrita na construção da identidade. Corrêa quando escreveu para Vera Queiroz (1991), discutiu o discurso enquanto uma prática social. No caso de Macabéa, seu discurso é fragmentado, suas palavras são limitadas, e sua identidade se esvai na falta de expressão. Sua construção como sujeito é feita quase como um espelho do olhar alheio — ela existe na narrativa, mas não detém poder sobre sua própria história.

— Oh mulher, não tens cara?
 — Tenho sim. É porque sou achatada de nariz, sou alagoana.
 — Diga-me uma coisa: você pensa no teu futuro?
 A pergunta ficou por isso mesmo, pois a outra não soube o que responder (Lispector, 1977, p. 65).

Outro aspecto relevante na construção da subjetividade de Macabéa é a relação entre linguagem e poder. Pierre Bourdieu (1979), argumenta que a linguagem depende da posição social do falante, e Macabéa, por ter um vocabulário restrito e dificuldades na comunicação, acaba sendo ainda mais marginalizada, fato evidente quando compartilha com Olímpico o que ouve na Rádio Relógio:

— Você sabia que na Rádio relógio disseram que um homem escreveu um livro chamado *Alice no País das Maravilhas* e que era também um matemático? Falaram também em “élgebra”. O que é que quer dizer “élgebra”?
 [...]
 — Eu gosto tanto de ouvir os pingos de minutos do tempo assim: tic-tac-tic-tac-tic-tac. A Rádio Relógio diz que dá a hora certa, cultura e anúncios. Que quer dizer cultura? [...]
 — É que muita coisa eu não entendo bem. O que quer dizer “renda per capita”? (Lispector, 1977, p. 50).

Sua condição de pobreza e falta de acesso à educação a colocam em uma posição de submissão, em que suas tentativas de expressão, também raras por este mesmo motivo, são frequentemente invalidadas ou ridicularizadas por todos que a cercam.

No entanto, há momentos em que Macabéa, mesmo que de forma ingênua e incipiente, esboça uma busca por si mesma. Seu fascínio por Hollywood, seu desejo de um amor com Olímpico, e até mesmo sua crença na profecia de uma cartomante são pequenas tentativas de agarrar algo que transcenda sua condição. Essas breves esperanças evidenciam o desejo humano por significado, por um espaço próprio no mundo.

A morte de Macabéa é paradoxalmente seu momento de maior existência. Ao ser atropelada e finalmente ter sua "hora de estrela", ela adquire na morte um instante de protagonismo que a vida lhe negou. Segundo Flávia Trocoli (2010, p. 23) “No nome próprio, Macabéa, a evocação da morte. (...). Lembremos que macchabeé, em francês, significa cadáver. Além da afinidade sonora entre Macabéa e macabra.”

No caso de Macabéa, sua morte desperta a atenção do mundo ao seu redor, e ela, por um instante, passa a existir de fato na consciência dos outros. Em *A hora da estrela* (1977),

Lispector questiona o que significa ser um sujeito em uma sociedade que define quem tem direito à visibilidade e quem é condenado ao esquecimento. Macabéa nos lembra que, muitas vezes, o sujeito é construído na negação, na ausência e na luta silenciosa por significado. E, ainda que sua estrela brilhe apenas no último instante, sua existência se torna eterna na literatura. A obra também nos faz refletir sobre o papel da empatia e do olhar crítico diante daqueles que vivem à margem, reforçando a importância de dar voz a histórias que, de outra forma, permaneceriam silenciadas.

No entanto, Macabéa parece alheia a essa liberdade. Sua vida é marcada por uma passividade extrema, uma existência que ocorre sem grandes questionamentos ou tentativas de autodeterminação. Como o narrador, Rodrigo S. M., descreve: "Só uma vez se fez uma trágica pergunta: quem sou eu? Assustou-se tanto que parou completamente de pensar." (Lispector, 1977, p. 32). Sua falta de consciência sobre si mesma a coloca em um estado de não-ser, como se vivesse mecanicamente.

A tragédia de Macabéa, portanto, pode ser vista como o resultado de um mundo que não lhe dá oportunidades de se perceber como sujeito ativo de sua própria história. Sua morte, ao final do romance, não é apenas física, mas filosófica: ela morre sem jamais ter realmente existido, sem ter questionado a banalidade ao seu redor e sem ter superado a alienação imposta pelo sistema econômico e social.

Clarice, em *A hora da estrela*, apresenta Rodrigo S. M. e como o narrador-personagem encarna características essenciais do pós-modernismo, como a metalinguagem, a ironia e a problematização da construção narrativa. A própria obra se desdobra em um jogo entre ficção e realidade, entre a tentativa de narrar e a impossibilidade de capturar plenamente a existência da protagonista Macabéa.

Desde o início do romance, Rodrigo S. M. se apresenta como um narrador consciente de seu papel de criador e, ao mesmo tempo, como um indivíduo que luta com suas próprias limitações para contar a história de Macabéa. Ele questiona a própria escrita, discute seu processo criativo e admite suas dificuldades em representar uma personagem tão distante de sua própria experiência:

O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida. Porque há o direito ao grito. Então eu grito. (Lispector, 1977, p. 13)

Até na narração de sua própria história Macabéa precisa de outro para lhe dar voz, precisa de outro que lhe exerça o direito básico de gritar, que reflita sobre os problemas que assolam sua existência e sobre sua própria existência. E é exatamente isso que torna o narrador, Rodrigo S. M., tão importante à narrativa. O narrador extradiegético, como se diz, que, em outras histórias sequer seria nomeado, aqui recebe nome e identidade, explicitando que essa não é a história de Macabéa, mas a interpretação que lhe dá o narrador, homem e situado numa posição social melhor que a da protagonista, ao falar sobre a história desta. Aqui, o narrador explicita sua consciência da linguagem e de sua função como mediador da realidade. Ele sabe que a "verdade também se inventa", revelando um traço fundamental do pós-modernismo: a descrença na objetividade absoluta e na possibilidade de uma representação direta da realidade. Aquela não passa de sua visão da realidade, não da realidade em si.

Rodrigo S. M. é um narrador que oscila entre o envolvimento com a história e um distanciamento irônico. Ele expressa compaixão por Macabéa, mas também a trata de maneira ambígua, com um certo tom de sadismo, o que pode explicar o significado por trás da sigla de seu sobrenome S: sádico, M: masoquista. De acordo com o narrador:

Quero neste instante falar da nordestina. É o seguinte: ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois reduzira-se a si. Também fui eu, de fracasso em fracasso, me reduzi a mim mas pelo menos quero encontrar o mundo e seu Deus (Lispector, 1977, p. 18).

O autor, que afirma querer apenas contar a história dessa mulher que nunca teve o direito de contar ela mesma, trata Macabéa com um ar de superioridade e desdém que reforça ainda mais esse sadismo pelo sofrimento desta, como se ele tirasse prazer do fato de que ela jamais pôde contar sua própria história visto que daria a ele a possibilidade de fazer isso, como se ele fosse muito mais apto a contar a história de Macabéa do que ela própria jamais seria. Essa afirmação destaca sua autoconsciência e sua relação conflituosa com a própria ficção. Rodrigo S. M. se coloca como um mediador instável, que ora busca compreender sua personagem, ora se irrita com sua própria condição de escritor, ora admira sua protagonista, ora despreza os sofrimentos passados por ela.

Em vários momentos, o narrador questiona a própria estrutura do romance e o sentido de contar uma história. Ele declara que deseja ser "impessoal", mas sua presença é constante e intrusiva na narrativa. Esse paradoxo revela o caráter fragmentário e autoficcional do romance, aproximando-se das técnicas pós-modernas que questionam o papel do autor e do narrador. O

narrador não mais é uma entidade exclusiva da narrativa, mas uma personagem importante, cuja voz é responsável por moldar a história contada e a interpretação do leitor.

O narrador não apenas relata a história de Macabéa, mas reflete sobre sua própria motivação para escrevê-la. Ele não tem um distanciamento convencional entre narrador e personagem, pois sua própria subjetividade interfere na narração, tornando-se um elemento essencial da obra.

3.3 “Vejo que escrevo aquém e além de mim”: o papel do narrador na construção do sujeito em *A hora da estrela*

No romance, Clarice propõe estruturas que rejeitam as formas convencionais de contar histórias. Rodrigo S. M. se vê, não como narrador, mas como o criador de Macabéa, um narrador que, assim como qualquer outro personagem, também se coloca em uma posição de sofrimento, de dúvida e de angústia. O narrador não é apenas um observador passivo dos eventos, mas alguém que se envolve com a protagonista, questionando sua capacidade de relatá-la e, em certo sentido, refletindo sobre sua própria impotência frente à vida da personagem. Um criador que, por mais que tente, não consegue se ver livre de sua criação.

Essa relação entre o narrador e a personagem é uma marca clariceana. A autora muitas vezes incorpora em seus narradores uma sensação de distância e ao mesmo tempo de proximidade com os personagens, criando um espaço para a reflexão sobre o ato de contar histórias, sobre a vida e sobre a morte. Em *A hora da estrela* (1977), o narrador se vê quase como um espectador de uma tragédia que não pode evitar, e isso reforça a condição de alienação que caracteriza a existência de Macabéa. “Desculpai-me esta morte. É que não pude evitá-la” (Lispector, 1977, p.86), roga o narrador ao seu leitor, como se não fosse ele quem detém o poder sobre a protagonista e seu destino.

Clarice Lispector é até hoje reconhecida pela profundidade com que abordava a subjetividade humana. Em seus romances, a autora dá voz a personagens que buscam, de maneira angustiante, compreender o que são, o que representam e quais são os seus lugares no mundo. A escritora utiliza a escrita de forma a imergir o leitor nas angústias e na interioridade da personagem. Macabéa se vê num mundo que a ignora, e a forma como a autora constrói esse isolamento é profundamente introspectiva, assim como a própria autora se julgava, no texto do livro de Olga Borelli, Clarice comenta: “...a verdade é que algumas pessoas criaram um mito em torno de mim, o que me atrapalha muito: afasta as pessoas e eu fico sozinha.” (Waldman, 1992, p. 91).

Essas características podem transmitir uma sensação de desconforto e inquietação, criando um espaço no qual o leitor é confrontado com a fragilidade humana.

A hora da estrela é, portanto, uma obra que condensa os principais traços de autoria de Clarice Lispector: a exploração da subjetividade humana, a reflexão sobre o sentido da vida e da morte, o estilo literário fragmentado e a construção de narradores que não são apenas contadores de histórias, mas também protagonistas de suas próprias crises existenciais. Através da figura de Macabéa, Lispector cria um romance que é ao mesmo tempo um retrato de uma pessoa comum e um reflexo profundo das questões universais da condição humana.

Conclui-se, então, que a construção do sujeito em *A hora da estrela* (1977) se dá pela abordagem da sua relação com o mundo, apresentada por meio de uma narrativa que se aproxima e se afasta o tempo todo da personagem, tornando-a ora familiar, ora estranha aos olhos do leitor. Macabéa, como muitos dos marginalizados da sociedade, não tem, para si ou para os outros, um papel claro ou relevante, o que reflete uma crítica direta ao sistema social e político que a exclui. No entanto, é nesse vazio existencial que a escritora dá a Macabéa a sua humanidade. Mesmo sendo invisível para a maioria, a jovem possui algo de profundamente humano em sua busca, ainda que inconsciente, por um significado que transcende sua própria dor e a opressão que sofre.

O narrador, que se assume como "quase" um personagem, também se insere de forma crucial nesse esforço de compreender o sujeito. Sua presença na narrativa confere a Macabéa uma existência mais ampla, pois, através de sua voz, a história da personagem se torna capaz de ser contada e, paradoxalmente, se torna visível. O narrador afirma: "Eu, o narrador, sou o único que pode dar-lhe uma identidade". Ele está ciente da sua função como narrador e se preocupa em mostrar as limitações da própria narrativa, bem como do ato de narrar em si. Ele questiona a capacidade de narrar de forma autêntica, o que nos remete à ideia de que a construção de um sujeito é algo que nunca é completamente exato ou definitivo.

O narrador de Lispector assume o papel de mediador da identidade de Macabéa, ao mesmo tempo em que destaca a impossibilidade de sua total compreensão. Na verdade, é apenas após a morte de Macabéa que seu criador finalmente começa a entendê-la e a sua história, apenas após morrer junto com sua criação — mesmo que, como ele mesmo afirma, só por um instante: "Morta, os sinos badalavam mas sem que seus bronzes lhes dessem som. Agora entendo esta história. Ela é a iminência que há nos sinos que quase-quase badalam" (Lispector, 1977, p. 86).

O sujeito em Lispector, portanto, nesse e em outros romances, não é uma entidade definida de maneira simples e objetiva. Ele é plural, fragmentado, em constante processo de

mudança. No caso em questão, a história de Macabéa é marcada pela ausência de um centro estável, algo que se reflete na sua própria constituição subjetiva. A jovem não tem um lugar no mundo e nem um lugar dentro de si mesma. Ela não questiona sua condição social, mas sua passividade não a faz menos humana. A própria construção da personagem revela a fragilidade do sujeito diante de uma sociedade que não lhe oferece muitas oportunidades, e a resignação de Macabéa, longe de ser uma falha, é uma forma de resistência silenciosa.

Em *A hora da estrela* (1977), Clarice Lispector não só explora a marginalização de Macabéa, mas também coloca em pauta a relação entre o sujeito e o mundo. A questão do sujeito aqui não é apenas um processo interno, mas também um reflexo das forças externas que moldam suas possibilidades de existência. A jovem, ao não ter acesso a uma identidade que possa afirmar-se de maneira clara e estável, nos provoca a refletir sobre o que significa ser um sujeito em um mundo que não reconhece suas singularidades.

Só que precisava dos outros para crer em si mesma, senão se perderia nos sucessivos e redondos vácuos que havia nela. Meditava enquanto batia à máquina e por isso errava ainda mais (Lispector, 1977, p. 38).

O título da obra, *A hora da estrela* (1977), é uma metáfora para essa breve e efêmera tentativa de afirmação do sujeito. Macabéa, ao atingir um momento de consciência, mesmo que trágico, de sua própria existência, brilha por um instante, antes de desaparecer novamente nas sombras da vida. A estrela, no entanto, não é o símbolo de um brilho duradouro, mas de uma existência fugaz e frágil, que, como o sujeito marginalizado, é facilmente apagada.

Mas tinha prazeres. Nas frígidas noites, ela, toda estremecente sob o lençol de brim, costumava ler à luz de vela os anúncios que recortava dos jornais velhos do escritório. É que fazia coleção de anúncios. Colava-os no álbum. Havia um anúncio, o mais precioso, que mostrava em cores o pote aberto de um creme para pele de mulheres que simplesmente, não eram ela (Lispector, 1977, p. 38).

Clarice Lispector, ao apresentar o sujeito de Macabéa, nos entrega uma reflexão sobre a precariedade da vida e a tentativa, muitas vezes frustrada, de encontrar um sentido em um mundo que parece indiferente. Em sua fragilidade, Macabéa revela a universalidade da experiência humana, mostrando-nos que o sujeito não é uma entidade que nasce pronta e acabada, mas sim uma construção contínua, muitas vezes marcada pela solidão e pela dor. A leitura do sujeito, assim, na obra, é de revelação daquilo que está oculto, uma tentativa de tornar visível o invisível, o não dito, o quase inexpressivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Clarice Lispector criou uma literatura na qual o sujeito feminino é protagonista, não apenas na aparência, mas na profundidade da experiência humana. Suas personagens enfrentam as limitações de uma sociedade que tenta enquadrá-las, mas também buscam, através da introspecção e da reflexão, uma forma de resistência e liberdade. O romance *A hora da estrela* é um convite à introspecção e à empatia. Através da história de Macabéa, figura tão despida de identidade que precisa de um narrador homem lhe dando voz para que sua existência seja consolidada, a autora constrói uma narrativa que desafia a indiferença do leitor e o obriga a confrontar sua própria relação com a marginalidade e a solidão.

Ler Clarice Lispector é, antes de tudo, uma jornada de autoconhecimento e reflexão. Suas obras não oferecem respostas simples, mas nos convidam a mergulhar nas complexidades da vida humana, a questionar nossa existência e a explorar o desconhecido que habita dentro de nós mesmos. Sua escrita incomparável e suas personagens multifacetadas continuam a ser uma fonte inesgotável de inspiração para leitores e estudiosos da literatura, confirmando seu lugar como uma das maiores escritoras de todos os tempos.

A hora da estrela é uma obra que nos desafia a olhar mais profundamente para a vida de uma pessoa comum, mas que, ao mesmo tempo, carrega distintos significados passíveis de diversas interpretações. A história de Macabéa oferece motivos para uma reflexão aprofundada sobre as dores da existência humana e suas contingências. Clarice, com uma escrita única e sensível, nos apresenta uma mulher que, à primeira vista, poderia ser invisível. Mas, ao olharmos mais de perto, vemos que ela é uma representação do vazio que muitos de nós carregamos, da busca por um sentido que nunca parece estar ao nosso alcance.

A escolha de Clarice por um narrador que é, ao mesmo tempo, observador e participante da história, traz uma camada de complexidade emocional ao romance. O narrador, Rodrigo S. M., se distancia de Macabéa, mas não consegue esconder sua empatia e seu desdém por ela, e talvez isso seja o que mais nos toca como leitores: ver que, por mais que ela viva em uma realidade cruel, ela não é apenas uma personagem de um romance, mas uma pessoa que existe, que sente e que, mesmo na sua fragilidade, nos provoca questionamentos profundos sobre nossas próprias vidas.

Ao falar da miséria, da solidão e da desilusão, Clarice não está só contando a história de uma mulher pobre, mas está nos levando a refletir sobre as dores mais íntimas da condição

humana. Macabéa nos faz pensar sobre o que significa ser visto no mundo, sobre a luta por identidade e sobre como as nossas vidas, por mais pequenas que pareçam, estão repletas de um profundo desejo de compreensão. Mesmo sem conseguir transformar sua realidade, a personagem nos toca ao mostrar que o simples ato de existir já é, por si só, um desafio existencial.

O título, *A hora da estrela* (1977), resgata essa ideia de efemeridade: o momento em que Macabéa se torna visível, mas essa visibilidade é rápida e cheia de vazio. Este paradoxo, entre a busca por algo grandioso e o reconhecimento de que esse algo talvez nunca chegue, faz da obra uma verdadeira meditação sobre a vida e a morte, sobre os sonhos e as frustrações.

Por fim, Clarice Lispector não nos oferece respostas fáceis ou finais felizes. Ela nos entrega uma história que é antes uma pergunta constante sobre o que é viver, o que é ser alguém neste mundo tão impessoal e indiferente. A obra é, acima de tudo, um convite à reflexão sobre o sentido da existência e sobre como, mesmo nas sombras e nas margens da sociedade, há um brilho tênue e silencioso que fala diretamente ao nosso coração. A obra de Clarice nos ensina que, talvez, a única forma de realmente compreender a vida seja aceitá-la em toda a sua complexidade, na beleza e na dor que ela nos traz.

Ao longo desta dissertação, procuramos compreender a construção do sujeito na obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, a partir de um entrelaçamento entre literatura e filosofia. O percurso analítico permitiu evidenciar como a personagem Macabéa encarna uma subjetividade que escapa às categorias tradicionais de identidade, agência e consciência de si, frequentemente valorizadas pela metafísica ocidental. Frente a isso, nossa análise dialogou com perspectivas filosóficas que problematizam o sujeito unitário, autônomo e racional, trazendo à luz modos de existência marcados pela opacidade, pela fragilidade e pela alteridade.

A figura de Macabéa, em sua insignificância social e existencial, revela uma subjetividade descentrada, cuja constituição ocorre à margem da linguagem e do sentido. *A hora da estrela* não apenas representa uma personagem vulnerável, mas também força o leitor a confrontar os limites da representação e da compreensão do outro. O narrador Rodrigo S. M., em sua tentativa de narrar Macabéa, também se vê atravessado por essa crise da linguagem e da autoridade narrativa, tornando-se, ele próprio, um sujeito em processo, inacabado e inquieto, ao ultimar a história da nordestina, conclui:

E agora — agora só me resta acender um cigarro e ir para casa. Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre. Mas — mas eu também?!
Não esquecer que por enquanto é tempo de morangos.
Sim (Lispector, 1977, 87).

Os resultados desta pesquisa mostram que Clarice Lispector propõe uma ética do sujeito fundada na abertura para o que escapa à razão e à visibilidade. Macabéa, enquanto figura literária, traz questionamentos justamente por sua ausência de atributos heroicos, por sua presença mínima, por seu modo de ser que desafia os modos habituais de reconhecimento. A literatura clariceana, ao se aproximar das questões filosóficas sobre a alteridade, a linguagem e o ser, oferece um espaço privilegiado para repensar o sujeito não como identidade plena, mas como campo de tensão, vulnerabilidade e silêncio.

Assim, *A hora da estrela* se apresenta como uma obra singular na literatura brasileira, por articular uma crítica existencial e social com uma reflexão profunda sobre o sujeito. Ao final desta trajetória, reafirmamos que é no cruzamento entre literatura e filosofia que se abre a possibilidade de pensar um sujeito ético, que não se fecha em si mesmo, mas que se constitui no encontro — muitas vezes falho, incômodo e incompleto — com o outro.

REFERÊNCIAS

ASSENSIO, Cibele Barbalho; OLIVEIRA JÚNIOR, Jorge Gonçalves. “Linguagem e ritual - Pierre Bourdieu”. In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo,

Departamento de Antropologia, 2015. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/obra/linguagem-e-ritual-pierre-bourdieu>>. Acesso em 22 abr. 2025.

BARTHES, Roland. Literatura e Metalinguagem. In: BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BUARQUE, Chico. Construção. Intérprete: Chico Buarque. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wBfVsucRe1w>. Acesso em: 10 abr. 2025.

BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Tradução de Rogério Bettonni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CAFÉ FILOSÓFICO. Clarice Lispector e o Efeito do Estranhamento | Noemi Jaffe. Vídeo: 48min46s. Publicado pelo canal Café Filosófico. Youtube, 30 ago. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WV7vq5g_DQM

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: T. A. Queiróz, 2006.

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária “Perto do Coração Selvagem”, *Folha de S. Paulo*, 16 jul. 1944. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=22939&anchor=187498&origem=busca&pd=38b5913f2412a9627800f627484c0936>>. Acesso em: 19 jun. 2025.

CHIAPPINI, L. Pelas ruas da cidade uma mulher precisa andar - Leitura de Clarice Lispector. In: *Literatura e sociedade*, 1(1), p. 60-80, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2011. v. 1.

DESCARTES, René. *Meditações concernentes à primeira filosofia (Meditações metafísicas)*. Trad. Jacó Guinsburg e Bento Prado Júnior. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1979.

DESCARTES, René. *Méditations metaphysiques*. Paris: Garnier-Flammarion, (1979), 1992.

DESCARTES, René: discurso do método. Tradução de Jacó Guinsburg e Bento Prado Júnior. In: *Coleção os pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1979.

DESCARTES, René. *Oeuvres de Descartes, par Charles Adam e Paul Tannery, 11 vols.* Paris: Vrin, 1996.

DESCARTES, René. *Regras para a orientação do espírito.* Trad. Maria Emantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DIEGO, Marcelo. *Morte na glória: horizonte global e paisagem local em a hora da estrela*, de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Diadorim, 2019

ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação.* Tradução de MF. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Filosofia e literatura. In: *Revista Limiar*, Guarulhos, v. 3, n. 5, p. 4-14, 2016.

GOTLIB, Nádya Batella. *Clarice: uma vida que se conta.* São Paulo: Editora Ática, 1995.

GOTLIB, Nádya Batella. *Conferência.* Organon, 1989.

HUMPHREY, Robert. *O Fluxo da consciência*, trad, de Gert. Meyer, Ed. McGraw Hill do Brasil. São Paulo, 1976.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária.* Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semiótica.* Trad. de Lúcia Helena França Ferraz. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela.* Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1977.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1964.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família.* Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1960.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do Coração Selvagem.* Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1943.

PANORAMA com Clarice Lispector. Vídeo: 28min31s. Publicado pelo canal TV Cultura. YouTube, 07 dez. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU&ab_channel=TVCultura>. Acesso em: 23 março. 2025.

MAGALHÃES, Antonio. Partilhas do saber: diálogos entre filosofia e literatura. In: *Revista páginas de filosofia*, v. 1, n. 2, p. 47-59, 2009.

NASCIMENTO, Evandro. *Clarice Lispector: uma literatura pensante.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal.* São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *O livro do filósofo.* São Paulo: Escala Educacional, 2013.

NOLASCO, Edgar César. *Restos de ficção: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector*. 2003.

NUNES, Benedito. *Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Quíron, 1973.

NUSSBAUM, Martha. *A fragilidade da bondade: Fortuna e ética na tragédia e na filosofia grega*. Tradução de Ana Aguiar Cotrin. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2009.

NUSSBAUM, Martha. *Love's knowledge — essays on Philosophy and Literature*. Oxford University Press, 1990.

OLIVEIRA, Maria Elisa de. Clarice Lispector: um diálogo entre filosofia e literatura. In: *Trans/Form/Ação*, v. 11, p. 69-76, 1988.

QUEIROZ, Vera. et. al. *Clarice e o feminino*. Rio de Janeiro: *Revista Tempo Brasileiro*, v. 1, 1962.

ROSENBAUM, Yudith; PASSOS, Cleusa Rios P. *Um século de Clarice Lispector: ensaios críticos*. São Paulo: Fósforo Editora, 2021.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um Humanismo; a imaginação; questão de método*. São Paulo: Nova Cultural, Coleção Os Pensadores, 1987.

TROCOLI, Flávia. Esculpir, pintar, escrever em Clarice Lispector. In: TFOUNI, L. V. (org.). *Letramento, escrita e leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

WALDMAN, Berta. *Clarice Lispector: a paixão segundo C. L.* Editora Escuta. SP, 1992.

WISNIK, J. M. *Diagramas para uma trilogia de Clarice*. Revista Letras, 98.2019.

ZACHARIA, Pamela. *A literatura filosófica de Clarice Lispector*. Fronteira, 2019.